



MEDO  
CLASSICO

EDGAR  
ALLAN  
POE

*Edgar A Poe*

*Tradução*  
MARCIA HELOISA

*Ilustrações*  
RAMON RODRIGUES



Volume 1

**DARKSIDE**

# O MISTÉRIO *de* MARIE ROGÊT

Uma continuação de  
"Os assassinatos na rua Morgue"



EDGAR ALLAN POE

1842

*Existem acontecimentos imaginários que ocorrem em paralelo aos reais.  
Raramente coincidem. Os homens e as circunstâncias em geral modificam  
a seqüência de acontecimentos imaginários, de modo que parecem imperfeitos  
e suas consequências são imperfeitas da mesma forma.*

*Assim, com a Reforma, em vez do protestantismo, veio o luteranismo.*

— *Moral Ansichten*, de Novalis [nom de plume de Von Hardenburg] —

Existem poucas pessoas, até mesmo entre os pensadores mais sensatos, que não tenham se mobilizado de vez em quando por uma crença vaga, embora empolgante, no sobrenatural, por coincidências de caráter aparentemente assombroso que o intelecto não consegue absorver como meras coincidências. Tais impressões — pois as crenças vagas às quais me refiro jamais alcançam a força plena de um pensamento — tais impressões raramente se extinguem exceto quando expostas à doutrina

do acaso ou, para usar o nome técnico, o Cálculo das Probabilidades. Esse Cálculo, em sua essência, é puramente matemático; e assim temos a anomalia do que há de mais rigidamente exato em termos de ciência aplicado à seara sombria e espiritual do que há de mais intangível na especulação.

Os detalhes extraordinários que agora sou instado a tornar públicos formarão, no que diz respeito à sequência do tempo, a ramificação primária de uma série de coincidências quase ininteligíveis que darão ensejo ao segundo e definitivo ramo, a ser reconhecido por todos os leitores como o assassinato recente de Mary Cecilia Rogers, em Nova York.

Há mais ou menos um ano, por ocasião de um artigo intitulado “Os assassinatos na rua Morgue”, quando tentei ilustrar algumas peculiaridades extraordinárias da natureza mental de meu amigo, o *chevalier* C. Auguste Dupin, nunca me passou pela cabeça que haveria de trazer o assunto à baila novamente. Meu objetivo era ilustrar o temperamento dele e o realizei de forma plena, apresentando uma sucessão fantástica de circunstâncias que serviram para exemplificar a idiosincrasia de Dupin. Poderia ter fornecido outros exemplos, mas era impossível oferecer mais provas. Acontecimentos recentes, todavia, em seu inesperado desdobramento, me estimularam a novos relatos, que serão contados não sem um certo ar de confissão contrariada. No entanto, considerando o que tenho ouvido ultimamente, seria de fato estranho se me calasse a respeito dos acontecimentos passados.

Após o desfecho da tragédia envolvendo as mortes de madame L’Espanaye e filha, Dupin excluiu o assunto da mente e regressou aos velhos hábitos de absorta rabugice. Sendo também dado a profundos devaneios, logo coadunei-me com seu estado de espírito. Continuando a ocupar nossos aposentos na Faubourg St. Germain, entregávamos o Futuro ao sabor dos ventos e vivíamos o Presente como imersos em um sono tranquilo, tecendo o entediante mundo à nossa volta na teia de nossos sonhos.

Esses sonhos, entretanto, eram amiúde interrompidos. Como era de se imaginar, a participação de meu amigo no drama da rua Morgue causou forte impressão na polícia parisiense. Seu nome tornou-se

célebre entre os policiais. Uma vez que o caráter simples das induções por meio das quais ele desembaraçou o mistério nunca foi explicado, nem mesmo para o comissário ou para qualquer outro interlocutor além de mim, não é de se admirar que tenham visto a solução quase como um milagre e que as capacidades analíticas de Dupin tenham sido tomadas como pura intuição. Sua franqueza o teria levado a esclarecer qualquer insinuação nesse sentido, mas seu humor indolente não tolerava insistência em assuntos que já haviam há muito perdido o interesse para ele. Não obstante, tornara-se a menina dos olhos da prática investigativa e não foram poucas as tentativas da polícia em solicitar seus serviços. Uma das tentativas mais memoráveis de atrair a atenção de Dupin foi o assassinato de uma jovem chamada Marie Rogêt.

O crime ocorreu aproximadamente dois anos após a atrocidade na rua Morgue. Marie, cujo nome de batismo e o sobrenome logo chamarão a atenção pela semelhança com os da infeliz vendedora de charutos assassinada em Nova York, era filha única da viúva Estelle Rogêt. Seu pai morrera quando ela era ainda uma criança e, da época de seu falecimento até dezoito meses antes do assassinato que relato nesta narrativa, mãe e filha moravam juntas na rua Pavée St. André,<sup>1</sup> onde madame Rogêt gerenciava uma pensão, auxiliada por Marie. Eram essas as circunstâncias até a filha completar vinte e dois anos, época em que sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista que ocupava uma das lojas subterrâneas do Palais Royal e cuja clientela era, em grande parte, composta pelos aventureiros desesperados que infestavam aquelas vizinhanças. *Monsieur Le Blanc*<sup>2</sup> estava ciente das vantagens que a presença da bela Marie poderia proporcionar à perfumaria e suas generosas propostas foram prontamente aceitas pela moça, embora madame Rogêt as tenha recebido com certa hesitação.

As previsões do lojista se concretizaram e logo seu estabelecimento tornou-se notório graças aos encantos da vivaz *grisette*. Estava empregada há um ano quando os admiradores foram surpreendidos por

1 Nassau Street. [NA]

2 Anderson. [NA]

seu repentino desaparecimento da loja. *Monsieur Le Blanc* não soube explicar tal ausência e madame Rogêt muito inquietou-se, tomada de ansiedade e terror. Os jornais logo anunciaram a notícia e a polícia já estava prestes a encetar uma séria investigação quando, uma semana após o sumiço, Marie reapareceu bem-disposta em uma bela manhã, embora com um ar melancólico, no balcão da perfumaria. Todas as especulações, exceto as de caráter privado, foram de pronto silenciadas. *Monsieur Le Blanc* declarou não saber de nada, como antes. Marie, com madame Rogêt, respondeu a todas as perguntas, alegando ter passado a semana na casa de um parente no interior. Assim, o caso foi esclarecido e esquecido; a moça, logo depois, para se livrar de uma curiosidade impertinente, despediu-se de vez do perfumista e buscou o abrigo da residência materna na rua Pavée St. Andréé.

Aproximadamente cinco meses após seu regresso ao lar, os amigos de Marie mais uma vez ficaram alarmados com um segundo sumiço. Três dias se passaram sem que tivessem notícia alguma dela. No quarto dia, seu corpo foi encontrado boiando no rio Sena,<sup>3</sup> próximo à margem oposta ao distrito da rua St. Andréé, um ponto não muito distante da vizinhança reservada do Barrière du Roule.<sup>4</sup>

A atrocidade do assassinato (pois logo ficou claro de que se tratava de um assassinato), a juventude e a beleza da vítima e, sobretudo, o fato de ser conhecida na cidade, conspiraram para produzir uma intensa comoção nas mentes dos sensíveis parisienses. Não me recordo de outro acontecimento semelhante que tenha gerado um efeito tão doloroso. Durante várias semanas, na discussão deste único e envolvente tema, até mesmo assuntos políticos significativos foram esquecidos. O comissário de polícia engajou-se em raro esforço; a força policial da cidade foi, é claro, empregada com extrema dedicação.

Quando descobriram o cadáver, não se supunha que o assassino pudesse escapar por muito tempo, pois a investigação começou de imediato. Apenas uma semana depois, julgaram necessário oferecer uma

3 Rio Hudson. [NA]

4 Weehawken. [NA]

recompensa, mas, ainda assim, limitaram-na à quantia de mil francos. Nesse ínterim, a investigação prosseguiu com vigor, embora nem sempre empregando o bom senso, e numerosos indivíduos foram investigados à toa. Enquanto isso, em virtude da ausência contínua de qualquer pista para o mistério, a comoção popular aumentava consideravelmente. Ao fim do décimo dia, julgaram recomendável duplicar o valor da quantia originalmente oferecida e, quando a segunda semana transcorreu sem novas descobertas e o tradicional preconceito dos parisienses contra a polícia começou a gerar diversas manifestações preocupantes, o comissário assumiu a oferta de vinte mil francos pela “condenação do assassino” ou, caso mais de um criminoso estivesse implicado no crime, pela “condenação de qualquer um dos assassinos”. No comunicado em que ofereceu tal recompensa, a polícia prometeu pleno perdão a qualquer participante que apresentasse evidências para denunciar seu parceiro; à proposta original, onde quer que fosse divulgada, foi acrescentado um comunicado particular, elaborado por um comitê de cidadãos, que prometia dez mil francos além da recompensa oferecida pela polícia. Assim, a quantia alcançara nada menos do que trinta mil francos, o que pode ser considerada uma soma extraordinária se levarmos em conta a condição humilde da moça e a frequência, em grandes cidades, de atrocidades como o crime descrito.

Não havia dúvidas de que o mistério do assassinato seria elucidado de pronto. Contudo, embora em uma ou duas ocasiões tenham detido suspeitos com esperanças de elucidação, não encontraram nada que pudesse incriminar os indivíduos em questão, e eles foram soltos. Por mais estranho que possa parecer, após a descoberta do cadáver, três semanas se passaram sem que nenhum esclarecimento tenha sido encontrado e sequer um rumor dos acontecimentos que tanto agitavam a opinião pública chegou aos nossos ouvidos. Imersos em pesquisas que absorviam completamente nossa atenção, há quase um mês não saímos de casa, recebíamos uma visita ou passávamos os olhos pelas principais notícias políticas nos jornas diários. Tomamos conhecimento do assassinato pessoalmente por G. Ele nos procurou no início da tarde do dia 13 de julho de 18— e ficou conosco até de noite. Estava irritado com

o fracasso de todos os seus esforços para descobrir os assassinos. Sua reputação — ele afirmou com um ar tipicamente parisiense — estava em jogo. Até mesmo sua honra. Os olhos do público pairavam sobre ele, e o comissário estava disposto a fazer qualquer sacrifício para solucionar o mistério. Concluiu o discurso um tanto quanto cômico com um elogio ao que lhe aprazia chamar de “o tato” de Dupin, fazendo-lhe uma proposta direta e generosa, cujos pormenores não me sinto livre para revelar, mas que não têm relação alguma com o assunto desta narrativa.

Meu amigo refutou como pôde o elogio, mas aceitou de imediato a proposta, embora as vantagens fossem totalmente passageiras. Uma vez acertado o acordo, o comissário pôs-se a expor suas opiniões, entremeando-as com longos comentários sobre as evidências, das quais ainda não sabíamos nada. Ele discursou bastante, decerto de modo instruído; eu, de vez em quando, arriscava uma ocasional sugestão enquanto a noite, sonolenta, nos envolvia. Dupin, imóvel em sua poltrona costureira, era a personificação da atenção respeitosa. Usava óculos durante toda a conversa e um relance casual por trás de suas lentes verdes fora suficiente para me convencer de que, embora em silêncio, ele não dormira desbragadamente pelas sete ou oito horas vagarosas que precederam a partida do comissário.

Na manhã seguinte, fui até a polícia para obter um relatório completo de todas as evidências e percorri as redações de diversos jornais a fim de providenciar uma cópia de cada artigo que publicara alguma informação decisiva sobre a triste tragédia. O contingente de informações, subtraído do que já fora refutado, era o seguinte:

Marie Rogêt deixou a residência de sua mãe, na rua Pavée St. Andrée, por volta das nove da manhã de domingo, no dia 22 de junho de 18—. Ao sair de casa, comunicou ao *monsieur* Jacques St. Eustache,<sup>5</sup> e somente a ele, que pretendia passar o dia com uma tia, que residia na rua des Drômes. Essa rua é curta e estreita, mas populosa, não fica muito longe das margens do rio e está localizada a uma distância de cerca de três quilômetros, no trajeto mais reto possível, da pensão de

madame Rogêt. St. Eustache era o pretendente de Marie e morava, bem como fazia suas refeições, na pensão. Prometera encontrar sua noiva no fim da tarde, para acompanhá-la de volta a casa. À tarde, entretanto, caíra uma forte chuva e, supondo que ela pernoitaria na casa da tia (como fizera antes em circunstâncias semelhantes), julgara desnecessário manter o combinado. À medida que a noite se aproximava, ouviram madame Rogêt (que era uma senhora enferma de setenta anos) expressar um medo “de que nunca mais veria Marie novamente”, mas tal comentário passou despercebido na ocasião.

Na segunda-feira, foi constatado que a moça não tinha estado na rua des Drômes; quando o dia transcorreu sem notícias dela, uma busca tardia foi organizada em diversos pontos da cidade e em seus arredores. No entanto, foi somente no quarto dia após seu desaparecimento que puderam apurar algo satisfatório em relação à jovem. No dia em questão (quarta-feira, dia 25 de junho), um certo *monsieur* Beauvais<sup>6</sup> que, com um amigo, andara perguntando por Marie nas proximidades do Barrière du Roule, na margem do Sena oposta à rua Pavée St. Andrée, foi informado de que um corpo acabara de ser resgatado por uns pescadores, que o haviam encontrado boiando no rio. Ao ver o cadáver, Beauvais, após certa hesitação, identificou a moça da perfumaria. Seu amigo a reconheceu de pronto.

O rosto estava tingido com um sangue escuro, em parte oriundo da boca. Não havia espuma aparente, como é comum no caso dos afogados. Não havia descoloração no tecido celular. O corpo apresentava hematomas e marcas de dedos na garganta. Os braços estavam cruzados no peito, rígidos. A mão direita estava fechada em punho; a esquerda, parcialmente aberta. No pulso esquerdo, havia duas escoriações circulares, que pareciam ter sido causadas por cordas ou uma corda enrolada em mais de uma volta. Parte do pulso direito também estava bastante esfolada, assim como toda a extensão do dorso, sobretudo nas omoplatas. Para trazer o cadáver à margem, os pescadores o amarraram com uma corda, mas nenhuma das escoriações havia sido causada por isso. O pescoço estava bastante inchado. Não havia cortes aparentes ou hematomas

que parecessem consequência de golpes. Em torno do pescoço, havia um laço de fita tão apertado que quase passara despercebido; estava completamente enterrado na pele e era amarrado por um nó abaixo da orelha esquerda. Tal circunstância, por si só, já era suficiente para produzir a morte da vítima. O laudo médico confirmou, sem sombra de dúvida, o caráter virtuoso da falecida. Fora submetida, segundo o laudo, a uma violência brutal. O cadáver estava em uma condição tal que, quando encontrado, não apresentava dificuldade em ser identificado por amigos.

O vestido estava bastante rasgado e desalinhado. Uma faixa de aproximadamente trinta centímetros fora retirada do tecido externo, da bainha para a cintura, mas não foi arrancada. Estava enrolada em três voltas em torno da cintura, presa com uma espécie de nó nas costas. A combinação por dentro do vestido era de musselina fina; uma tira de aproximadamente quarenta centímetros de largura fora removida por completo, com muita simetria e cuidado. Foi encontrada em volta do pescoço da vítima, com um frouxo ajuste e um nó bem firme. Por cima dessa faixa de musselina e da tira de fita, estavam presos os cordões de um chapéu que pendia. O nó que amarrava os cordões do chapéu não era compatível com aquele dado habitualmente por uma mulher, mas condizia com um nó correição ou de marinheiro.

Após o reconhecimento do corpo, não foi necessário, como de costume, encaminhá-lo para o necrotério (sendo tal formalidade, neste caso, supérflua). O enterro foi providenciado às pressas, em um local não muito distante do ponto onde o corpo apareceu. Graças aos esforços de Beauvais, o caso foi abafado com diligência, tanto quanto possível; diversos dias se passaram até que surgisse algum tipo de comoção pública. Um jornal semanal,<sup>7</sup> entretanto, acabou se interessando pelo caso; o corpo foi exumado e conduziram um novo exame, mas não descobriram nenhuma novidade. As roupas, porém, foram entregues à mãe e aos amigos da moça assassinada, sendo identificadas como as peças que ela vestia ao sair de casa.

7 *The New York Mercury*. [NA]

Enquanto isso, o alvoroço crescia a cada hora. Vários indivíduos foram detidos e libertados. St. Eustache foi apontado como principal suspeito; em um primeiro momento, não foi capaz de fornecer um relato satisfatório sobre seu paradeiro no domingo em que Marie saíra de casa. Depois, no entanto, apresentou a *monsieur G.* declarações que esclareciam todos os passos que dera no dia em questão. Com o passar do tempo e a ausência de descobertas, diversos rumores contraditórios começaram a circular, e os jornalistas ocupavam-se com suposições. Entre elas, a que chamou mais atenção foi a ideia de que Marie Rogêt ainda estava viva — que o cadáver encontrado no Sena era de outra pobre coitada. Cabe aqui apresentar ao leitor alguns trechos que exemplificam tal suposição. São transcrições literais do *L’Etoile*,<sup>8</sup> um jornal dirigido, em geral, com muita competência:

*Mademoiselle* Rogêt deixou a casa de sua mãe na manhã de domingo, dia 22 de junho de 18—, com o ostensivo propósito de visitar uma tia, ou outro parente, na rua des Drômes. Desde então, ninguém mais a viu. Não há vestígio ou notícia de seu paradeiro. [...] Até o momento, ninguém se apresentou alegando tê-la visto ou estado com ela no dia em questão, desde que saiu da residência da mãe. [...] Embora não tenhamos provas de que Marie Rogêt estivesse entre os vivos após às nove horas no domingo, dia 22 de junho, temos como atestar que, até aquele momento, estava viva. Quarta-feira, ao meio-dia, o corpo de uma mulher foi descoberto boiando às margens do Barrière du Roule. Isso ocorreu, mesmo presumindo que Marie Rogêt tenha sido atirada no rio em até três horas após a saída da casa da mãe, apenas três dias desde seu sumiço — três dias e uma hora. No entanto, é insensato supor que o crime, caso se trate de um assassinato, tenha sido cometido cedo o bastante para permitir que os assassinos atirassem o corpo no rio antes da meia-noite. Os culpados por delitos tão horrendos costumam escolher a escuridão, e não a luz. [...] Assim, acreditamos que se o corpo encontrado no rio fosse de Marie Rogêt, só poderia

8 *The New York Brother Jonathan*, editado pelo Ilmo. H. Hastings Weld. [NA]

estar na água há dois dias e meio, ou três fora da água. A experiência atesta que corpos afogados ou atirados na água imediatamente após uma morte violenta levam de seis a dez dias para atingir um estado de decomposição suficiente e emergir boiando na superfície. Mesmo se dispararmos um canhão sobre um cadáver, fazendo-o emergir antes de cinco ou seis dias de imersão, ele voltará a afundar, caso não sofra interferência alguma. Perguntamos, então: o que causou, neste caso, uma mudança no curso normal da natureza? [...] Se o corpo tivesse sido mantido em seu estado mutilado fora da água até terça à noite, algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado nas margens do rio. Também não sabemos se o cadáver boiaria tão depressa, mesmo se atirado na água dois dias após a morte. Além do mais, é altamente improvável que os bandidos que cometeram um assassinato como este atirassem o corpo na água sem algum peso que o fizesse afundar, quando tal precaução poderia ter sido tomada sem dificuldades.

O editor prossegue argumentando que o corpo deve ter ficado na água “não apenas há três dias, mas, no mínimo, cinco vezes três dias”, pois o grau de decomposição era tão avançado que Beauvais tivera muita dificuldade em reconhecê-lo. Esse último ponto, contudo, já foi completamente refutado. Continuo a transcrição:

Em quais fatos *monsieur* Beauvais se baseia ao afirmar com certeza de que se tratava do corpo de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido e disse ter encontrado marcas que confirmaram a identidade da moça. O público em geral supôs que tais marcas fossem cicatrizes. Ele esfregou o braço e encontrou pelos sobre ele — algo, em nossa opinião, tão impreciso quanto se pode prontamente imaginar — e tão pouco conclusivo quanto encontrar um braço dentro da manga. *Monsieur* Beauvais não retornou naquela noite, mas mandou um recado para madame Rogêt, às sete horas na noite de quarta-feira, avisando que a investigação acerca da morte de sua filha estava em andamento. Se presumirmos que para madame Rogêt, em virtude da idade

e do pesar diante da notícia, ficara impossibilitada de ir até o local (o que já é bastante especulativo), certamente deve ter havido alguém que possa ter julgado válido comparecer em seu lugar para acompanhar a investigação, supondo que fosse o corpo de Marie. Ninguém apareceu no local. Ninguém disse ou ouviu algo sobre o assunto na rua Pavée St. Andrée, sequer os moradores da pensão. *Monsieur* St. Eustache, o namorado e futuro marido de Marie, que residia na pensão de sua mãe, declarou em depoimento que só tomou conhecimento da descoberta do corpo de sua pretendente na manhã do dia seguinte, quando *monsieur* Beauvais foi até seu quarto para lhe colocar a par do acontecimento. Levando em consideração o teor da notícia, nos parece que fora recebida de maneira bastante fria.

Dessa forma, o jornal buscava criar uma impressão de apatia nos parentes de Marie, o que não condiz com a suposição de que acreditassem se tratar do corpo da jovem. As insinuações podem ser resumidas da seguinte maneira: Marie, com a conivência de seus amigos, ausentara-se da cidade por motivos que envolvem uma acusação à sua castidade; e que esses amigos, quando da descoberta de um corpo um pouco parecido com o da moça no Sena, haviam se aproveitado da oportunidade para sugestionar o público com a crença de que ela estava morta. Contudo, o *L'Etoile*, mais uma vez, estava se precipitando. Ficou provado, sem sombra de dúvida, que não houve apatia alguma; que a velha senhora era excessivamente frágil e estava nervosa demais para comparecer a qualquer compromisso; que St. Eustache, longe de ter recebido a notícia com frieza, ficara atordoado de sofrimento e reagira de maneira tão frenética que *monsieur* Beauvais tivera de pedir que um parente amigo cuidasse dele, o que impediu que estivesse presente no exame realizado após a exumação. Ademais, embora o *L'Etoile* tenha informado que o segundo enterro fora custeado com dinheiro público, que a oferta vantajosa de uma sepultura particular tenha sido recusada pela família e que nenhum de seus membros compareceu ao velório — embora, como estava dizendo, tudo isso tenha sido afirmado pelo jornal para endossar a impressão que desejavam transmitir

—, todas essas insinuações foram refutadas de maneira satisfatória. Em uma edição subsequente do jornal, foi realizada uma tentativa de colocar o próprio Beauvais sob suspeita. O editor declarou:

Agora, porém, adveio uma mudança no caso. Ficamos sabendo que, em uma determinada ocasião, quando uma certa madame B. encontrava-se na casa de madame Rogêt, *monsieur Beauvais*, que estava de saída, comentou que esperavam receber um policial e que ela, madame B., não deveria dizer nada até que ele retornasse, deixando o assunto por sua conta. [...] Nas atuais circunstâncias, *monsieur Beauvais* age como se tivesse exclusividade no caso. Não se pode dar um único passo sem que, independente do caminho traçado, se bata de frente com ele. [...] Por algum motivo, determinou que apenas ele poderia estar a par e à frente dos procedimentos e, assim, rechaçou os parentes e amigos do sexo masculino, de acordo com os próprios, de maneira bastante singular. Também pareceu avesso à ideia de permitir que os parentes vissem o corpo da falecida.

O fato a seguir ampliou ainda mais a dimensão da suspeita que recaía sobre Beauvais. Um visitante, estando no escritório dele alguns dias antes do desaparecimento da moça e durante sua ausência, notou uma rosa no buraco da fechadura e o nome “Marie” inscrito em uma lousa ao lado.

A impressão geral, até onde pudemos apurar nos jornais, parecia ser que Marie fora vítima de uma gangue de bandidos que a arrastaram pelo rio, a maltrataram e a assassinaram. Entretanto, *Le Commercial*,<sup>9</sup> um jornal muito influente, rechaçou tal ideia popular com seriedade. Cito uma ou duas passagens de suas matérias:

Estamos convencidos de que as investigações estão seguindo um rumo equivocado ao se direcionarem para o Barrière du Roule. É impossível que uma pessoa tão conhecida quanto

9 *New York Journal of Commerce*. [NA]

essa jovem era pudesse ter passado por três quarteirões sem ter sido vista por ninguém; e aqueles que por ventura a tivessem visto, decerto teriam se lembrado dela, pois todos os que a conheciam encontravam nela algum interesse. As ruas estavam cheias quando a moça saiu de casa. [...] É impossível que tenha ido até Barrière du Roule ou para a rua de Drômes sem ter sido reconhecida por uma dúzia de pessoas no caminho; no entanto, ninguém que a tenha visto fora da pensão de sua mãe apareceu até agora para prestar depoimento e não há evidência alguma, com exceção do testemunho que versa sobre o ostensivo propósito da moça de visitar a tia, de que ela tenha de fato visitado. O vestido estava rasgado, o tecido envolto e amarrado em seu corpo, sugerindo que o cadáver pode ter sido transportado como uma trouxa de roupas. Se o assassinato foi cometido em Barrière du Roule, tal subterfúgio não teria sido necessário. O fato de o corpo ter sido encontrado boiando perto do Barrière não constitui prova do local em que foi arremessado na água. [...] Uma faixa de uma das anáguas da pobre moça, medindo sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancada e amarrada sob seu queixo, passando por trás da cabeça, provavelmente para impedir que gritasse. Isso foi feito por sujeitos que não portavam lenços de bolso.

Todavia, um ou dois dias antes de sermos procurados pelo comissário, uma informação importante chegou à polícia e pareceu invalidar boa parte do argumento do jornal *Le Commercial*. Dois rapazotes, filhos de uma certa madame Deluc, enquanto perambulavam pelo bosque próximo a Barrière du Roule, entraram por acaso em um matagal cerrado, onde encontraram três ou quatro pedras avantajadas, formando uma espécie de assento com apoio para as costas e pés. Na pedra mais alta acharam uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda. Encontraram também uma sombrinha, um par de luvas e um lencinho de bolso em que estava bordado o nome “Marie Rogêt”. Distinguiram retalhos do vestido nos espinheiros ao redor. Havia pegadas na terra, arbustos quebrados e sinais evidentes de luta. As cercas que separavam

o matagal do rio haviam sido removidas e o solo trazia marcas como se algo pesado e volumoso tivesse sido arrastado no local.

Um jornal semanal, *Le Soleil*,<sup>10</sup> trazia os seguintes comentários, à luz dessa nova descoberta — comentários estes que apenas reproduziam o sentimento de toda a imprensa parisiense:

Os artigos encontrados decerto já estavam no local onde foram achados há pelo menos três ou quatro semanas; encontravam-se bastante mofados, em virtude da ação da chuva, e bem grudados pela ação do mofo. A grama crescera ao redor e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas as costuras haviam cedido. A parte superior, onde fora dobrada, estava mofada e apodrecida e rasgou quando a sombrinha foi aberta. [...] Os retalhos do vestido espalhados pelos arbustos mediam em torno de sete centímetros de largura e quinze de comprimento. Um deles era a bainha do vestido, que fora remendada; o outro compunha a saia, e não a bainha. Pareciam faixas que foram arrancadas e jaziam sobre o arbusto estraçalhado, a mais ou menos trinta centímetros do solo. [...] Não restam dúvidas, portanto, de que o local deste assombroso ultraje tenha sido descoberto.

Em decorrência dessa descoberta, surgiram novas evidências. Madame Deluc testemunhou que mantinha uma pousada na beira da estrada não muito longe da margem do rio oposta ao Barrière du Roule. O bairro era particularmente afastado. Aos domingos, era o ponto costumeiro dos desocupados da cidade, que atravessavam o rio em barcos. Por volta das três horas, na tarde do domingo em questão, uma moça chegou na pousada, acompanhada por um jovem de pele escura. Os dois permaneceram no local por algum tempo. Ao saírem, pegaram o caminho de uma mata fechada nas redondezas. O vestido da moça foi o que chamou a atenção de madame Deluc, por conta da semelhança com uma peça usada por uma parenta morta. Ela notou, em particular,

10 *Philadelphia Saturday Evening Post*, editado pelo Ilmo. C.I. Peterson. [NA]

a echarpe. Logo após a partida do casal, uma gangue de meliantes apareceu, fazendo ruidosa algazarra; comeram e beberam sem pagar e depois seguiram o mesmo caminho do jovem casal, regressando para a pousada ao anoitecer e tornando a atravessar o rio com muita pressa.

Foi logo após escurecer, naquela mesma tarde, que madame Deluc e o filho mais velho ouviram os gritos de uma mulher nas vizinhanças da pousada. Os gritos foram pungentes mas breves. Madame D. reconheceu não apenas a echarpe encontrada no matagal, mas também o vestido que foi descoberto no cadáver. Um motorista de ônibus, Valence,<sup>11</sup> declarou em seu depoimento ter visto Marie Rogêt atravessar o Sena em uma balsa, no domingo em questão, na companhia de um jovem de pele escura. Valence conhecia Marie e não teve dúvidas em relação à sua identidade. Os artigos encontrados no matagal foram todos identificados pelos familiares da moça.

Os itens e as informações por mim coletados dos jornais, por sugestão de Dupin, abarcaram apenas mais um ponto — ainda que um ponto de vasta consequência. Parece que, logo após a descoberta das roupas, o corpo sem vida ou quase sem vida de St. Eustache, noivo de Marie, foi encontrado nas redondezas do que agora supomos ter sido a cena do crime. Um frasco vazio em que se lia “láudano” no rótulo foi encontrado ao lado dele. Seu hálito dava indícios de envenenamento. Morreu sem dizer uma só palavra. Foi encontrada uma carta junto ao seu corpo, declarando em breves linhas o amor que sentia por Marie e a intenção de cometer suicídio.

— Não preciso lhe dizer — falou Dupin ao terminar de examinar minhas anotações — que este é um caso muito mais intrincado do que o da rua Morgue, do qual difere em um aspecto importante. Trata-se de um crime, embora atroz, bastante comum. Não há nada particularmente *outré* ao seu respeito. Você há de observar que, por esse motivo, o mistério foi considerado simples quando, exatamente por tal razão, deveria ter sido julgado de difícil solução. Por isso, a princípio, dispensou-se o oferecimento de uma recompensa. Os mirmídones de G.

conseguiram de imediato compreender como e por que tal atrocidade poderia ter sido cometida. Conceberam em suas mentes um modo, vários modos; e um motivo, vários motivos; e como não era impossível que alguns desses numerosos modos e motivos pudessem ser os verdadeiros, desconsideraram que algum de fato o fosse. Porém, a facilidade com que tais elaborações mentais foram levadas em consideração, e a própria plausibilidade que cada uma delas assumiu, deveria ter sido interpretada como indício das dificuldades, e não da simplicidade da elucidação do mistério. Já observei que é em virtude de proeminências que evadem o campo do ordinário que a razão tateia seu caminho em busca da verdade e que a pergunta apropriada em casos assim não é “O que aconteceu?” e, sim, “O que aconteceu, mas nunca aconteceu antes?”. Nas investigações na casa de madame L’Espanaye,<sup>12</sup> os agentes de G. foram desmotivados e se atrapalharam precisamente por um caráter incomum que, para um intelecto mais regulado, teria garantido o êxito; esse mesmo intelecto teria mergulhado em desespero diante do caráter comum de tudo que parece evidente no caso da mocinha da perfumaria, ao passo que é exatamente tal caráter que parece garantir aos funcionários da polícia a certeza de triunfo.

“No caso de madame L’Espanaye e sua filha, não havia dúvidas, mesmo no início de nossa investigação, de que um assassinato fora cometido. A ideia de suicídio foi excluída imediatamente. No caso atual, também excluímos no início a ideia de suicídio. O corpo encontrado no Barrière du Roule foi achado em circunstâncias que não deixavam dúvida acerca desse importante ponto. Porém, já foi sugerido que o corpo descoberto não seria o de Marie Rogêt, por cujo assassino ou assassinos foi oferecida uma recompensa e em relação a quem fizemos um acordo com o comissário de polícia. Ambos conhecemos muito bem esse cavalheiro. Sabemos que não podemos confiar plenamente nele. Se datarmos nossa investigação da descoberta do cadáver e, então, rastreamos o assassino e descobrirmos que o corpo é de outra pessoa que não Marie, ou partindo do pressuposto de que ela está

12 Ver “Os assassinatos da rua Morgue”. [NA]

viva e assim a encontrarmos, em ambos os casos perdemos o trabalho e teremos que lidar com monsieur G. Para nosso próprio bem, entretanto, até para o bem da justiça, é indispensável que o primeiro passo seja determinar a identidade do cadáver, a fim de descobrir se realmente pertence à desaparecida Marie Rogêt.

“Os argumentos do *L'Etoile* causaram impacto no público; parece que o jornal em si está convicto de sua importância, a julgar pela maneira como começa uma das matérias que fez sobre o assunto: ‘Diversos jornais matutinos hoje comentam o artigo *conclusivo* que publicamos na segunda-feira’. Para mim, esse artigo parece concluir muito pouco além do entusiasmo do próprio autor. Devemos ter em mente que, em geral, o objetivo de nossos jornais é criar uma comoção, expor um ponto de vista, mais do que promover a verdade. A segunda finalidade é procurada apenas quando parece coincidir com a primeira. O jornal que apenas expõe a opinião comum (por mais fundamentada que possa ser) não ganha o crédito da população. Esta considera profundo somente aquele que sugere *contradições incisivas* à ideia geral. No raciocínio, não menos do que na literatura, o mais imediato e universalmente apreciado é o epigrama. Em ambos, está na ordem inferior do mérito.

“O que quero dizer é que foi o epigrama e o melodrama misturados nesta ideia, a de que Marie Rogêt ainda está viva, e não sua plausibilidade, que a sugeriram ao *L'Etoile* e garantiram uma recepção favorável junto ao público. Vamos examinar os argumentos principais desse periódico, tentando evitar a incoerência originalmente apresentada por ele.

“O primeiro objetivo do autor do artigo é demonstrar, partindo da brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do corpo boiando no rio, que o cadáver não poderia ser da moça. Assim, a redução desse intervalo para sua menor dimensão possível logo se torna o objeto do argumentador. Na irrefletida busca de tal objetivo, ele se precipita em uma mera suposição desde o início. ‘No entanto, é insensato supor’, escreve, ‘que o crime, caso se trate de um assassinato, tenha sido cometido cedo o bastante para permitir que os assassinos atrassem o corpo no rio antes da meia-noite.’ Naturalmente, perguntamos então: por quê? Por que é loucura supor que o assassinato tenha sido cometido

*cinco minutos* após a saída da moça da casa de sua mãe? Por que é loucura supor que o crime tenha sido cometido em um período qualquer do dia? Um homicídio pode ser cometido a qualquer hora. Porém, mesmo que o assassinato tenha ocorrido em algum momento entre nove da manhã de domingo e onze e quarenta e cinco da noite, ainda assim haveria tempo suficiente para atirar o corpo no rio antes da meia-noite. Essa suposição, então, nos leva a concluir que o assassinato não fora cometido no domingo; e, se permitirmos que o *L'Etoile* suponha isso, podemos lhe conceder qualquer liberdade. O parágrafo que começa com 'é insensato supor que o crime etc.', seja lá como aparece impresso no *L'Etoile*, deve ser imaginado como existente da seguinte maneira no cérebro de quem o escreveu: 'No entanto, é insensato supor que o crime, caso se trate de um assassinato, tenha sido cometido cedo o bastante para permitir que os assassinos atirassem o corpo no rio antes da meia-noite; é loucura supor tudo isso e presumir, ao mesmo tempo (como estamos resolutos a fazer), que o corpo não tenha sido arremessado até depois da meia-noite'. Esta é uma frase inconsequente o bastante por si só, mas não tão completamente absurda como a publicada.

"Se fosse meu propósito", continuou Dupin, "apenas *contestar* esse trecho do argumento do *L'Etoile*, eu poderia deixá-lo como está. Não é, entretanto, com o jornal que temos de prestar contas, e sim com a verdade. A frase em questão tem apenas um significado, tal como está; é o significado ao qual já aludi, mas precisamos ir além das meras palavras, em busca da ideia que elas pretendiam, embora não tenha conseguido transmitir. Era a intenção dos jornalistas dizer que, seja qual for o período do dia ou da noite de domingo que o assassinato foi cometido, parece improvável que os assassinos se arriscassem a carregar o corpo até o rio antes da meia-noite. E aqui jaz, na verdade, a suposição que devo contestar. Eles presumiram que o assassinato foi cometido de tal modo e sob determinadas circunstâncias que foi necessário carregar o corpo até o rio. Ora, o assassinato pode ter ocorrido na margem ou no próprio rio; assim, o descarte do corpo na água pode ter acontecido em qualquer período do dia ou da noite, como a maneira mais óbvia e imediata de se livrar do cadáver. Compreenda

que não sugiro nada aqui como provável ou condizente com minha opinião. Minha intenção, até o momento, não tem referência alguma com os fatos do caso. Desejo tão somente adverti-lo contra o tom da suposição do *L'Etoile*, chamando sua atenção para o caráter parcial empregado desde o início.

“Tendo prescrito assim um limite às suas próprias noções preconcebidas e supondo que, se fosse o corpo de Marie, teria estado na água há pouquíssimo tempo, o jornal prossegue declarando:

A experiência atesta que corpos afogados ou atirados na água imediatamente após uma morte violenta levam de seis a dez dias para atingir um estado de decomposição suficiente e emergir boiando na superfície. Mesmo se dispararmos um canhão sobre um cadáver, fazendo-o emergir antes de cinco ou seis dias de imersão, ele voltará a afundar, caso não sofra interferência alguma.

“Tais afirmações foram aceitas tacitamente por todos os jornais de Paris, com exceção do *Le Moniteur*,<sup>13</sup> que buscou combater apenas o trecho do parágrafo que faz menção aos ‘corpos afogados’, citando cinco ou seis exemplos nos quais os corpos de indivíduos sabidamente afogados foram encontrados boiando após um lapso de tempo mais curto do que afirmara o *L'Etoile*. Todavia, há algo desarrazoado ao extremo nessa tentativa, por parte do *Le Moniteur*, de rechaçar a suposição geral do *L'Etoile* citando exemplos de exceções à regra. Ainda que pudessem produzir cinquenta exemplos de corpos encontrados boiando ao fim de dois ou três dias em vez de cinco, tais exemplos ainda poderiam ser considerados como exceções à norma do *L'Etoile*, até que a regra em si fosse refutada. Ao admitir a regra (e isso o *Le Moniteur* não nega, insistindo apenas em suas exceções), o argumento do *L'Etoile* retém força total; pois esse argumento não procura envolver mais do que uma questão de probabilidade de que o corpo tivesse

13 *The New York Commercial Advertiser*, editado pelo cel. Stone. [NA]

emergido à superfície em menos de três dias e tal possibilidade estaria em favor da posição do *L'Etoile* até que os exemplos tão infantilmente fornecidos sejam suficientes em quantidade para que se possa estabelecer uma regra antagônica.

“Você logo perceberá que todos os argumentos acerca desse ponto fulcral deveriam ser instados contra a regra em si; para tal, devemos examinar a lógica da regra. O corpo humano, em geral, não é mais leve ou pesado do que a água do Sena, ou seja, a gravidade específica do corpo humano, em sua condição natural, é equivalente à massa de água que desloca. O corpo de indivíduos gordos ou carnudos, com ossos pequenos, e das mulheres em geral é mais leve do que o de indivíduos magros e de ossos maiores, bem como dos homens; a gravidade específica da água do rio é, em certa medida, influenciada pelas marés. Contudo, deixada essa maré de lado, podemos dizer que pouquíssimos corpos humanos afundariam, mesmo em água doce, por conta própria. Praticamente qualquer pessoa que caia em um rio vai boiar, caso permita que a gravidade específica da água se equilibre com a sua, ou seja, se o corpo inteiro ficar submerso, com o mínimo possível para fora da água. A posição ideal para quem não sabe nadar é o corpo ereto na vertical, com a cabeça toda para trás, imersa na água; somente a boca e o nariz devem permanecer acima da superfície. Em tais circunstâncias, flutua-se sem dificuldade ou esforço. Contudo, é evidente que o equilíbrio da gravidade do corpo com a massa de água deslocada é frágil e que qualquer fator, por mais insignificante, pode arruiná-lo. Um braço fora da água, por exemplo, e assim privado de seu apoio, imprime um peso adicional suficiente para afundar a cabeça inteira, ao passo que a ajuda acidental do menor pedaço de madeira permite que se eleve a cabeça o bastante para olhar ao redor. Na agitação de alguém que não sabe nadar, os braços invariavelmente se erguem, enquanto a pessoa tenta manter a cabeça em posição perpendicular. O resultado é a imersão da boca e do nariz e a entrada de água nos pulmões durante os esforços para respirar enquanto estiver submersa. Muita água é absorvida pelo estômago também, e o corpo inteiro se torna mais pesado, por conta da diferença entre o peso do

ar que originalmente distende essas cavidades e o do fluido que passa a preenchê-las. Tal diferença é suficiente para fazer com que o corpo afunde, em geral, mas não basta no caso de indivíduos com ossos pequenos e uma quantidade anormal de tecido flácido ou gorduroso. Tais indivíduos boiam até mesmo depois de afogados.

“O cadáver, supondo que esteja no fundo do rio, permanecerá ali até que, por algum motivo, sua gravidade específica volte a ser menor do que a massa de água por ele deslocada. Esse efeito é causado pela decomposição, entre outros fatores. O resultado da decomposição é a formação de gases que distendem os tecidos celulares e todas as cavidades, gerando a horrenda aparência inchada do cadáver. Quando essa distensão atinge um nível em que o volume do cadáver aumenta consideravelmente, sem o crescimento proporcional de massa ou peso, sua gravidade específica se torna menor do que a da água deslocada, provocando, assim, sua aparição na superfície. No entanto, a decomposição pode ser alterada por inúmeras circunstâncias, apressada ou retardada por incontáveis agentes; por exemplo, o calor ou o frio da estação, a impregnação mineral ou pureza da água, sua maior ou menor profundidade, correnteza ou estagnação, a temperatura do corpo e a presença ou ausência de infecção ou doença antes da morte. Deste modo, é evidente que não podemos determinar com precisão o período em que o cadáver poderá emergir com o efeito da decomposição. Sob determinadas condições, tal resultado ocorreria em uma hora; sob outras, poderia sequer acontecer. Existem substâncias químicas capazes de preservar para sempre o sistema ósseo da putrefação; o bicloreto de mercúrio é uma delas. Porém, além da decomposição, pode haver, e geralmente há, a formação de gases dentro do estômago, produzidos pela fermentação acética da matéria vegetal (ou dentro de outras cavidades, por causas diversas), suficientes para induzir uma distensão capaz de levar o corpo até a superfície. O efeito produzido por um tiro de canhão gera apenas vibração. Isso pode ou desprender o cadáver da lama ou lodo em que se encontra, permitindo que volte à superfície quando outros agentes já o prepararam para tal, ou vencer a tenacidade de algumas porções putrefatas do tecido celular, fazendo com que as cavidades se distendam sob a influência dos gases.

“Tendo diante de nós todas essas informações sobre o assunto, podemos facilmente pôr à prova as alegações do *L’Etoile*. ‘A experiência atesta’ disse o jornal, ‘que corpos afogados ou atirados na água imediatamente após uma morte violenta levam de seis a dez dias para atingir um estado de decomposição suficiente e emergir boiando na superfície. Mesmo se dispararmos um canhão sobre um cadáver, fazendo-o emergir antes de cinco ou seis dias de imersão, ele voltará a afundar, caso não sofra interferência alguma.’

“Todo esse parágrafo agora aparenta ter sido tecido em incoerência e incoerência. Nem toda experiência demonstrou que ‘corpos afogados’ levam de seis a dez dias para alcançar um estado de decomposição suficiente e emergir boiando na superfície. Tanto a ciência quanto a experiência demonstram que o período de subida para a superfície é, necessariamente, indeterminado. Ademais, se um corpo subir à superfície em decorrência de um tiro de canhão, ele *não* ‘voltará a afundar, caso não sofra interferência alguma’, pelo menos até que a decomposição esteja tão avançada a ponto de permitir o escape dos gases. Porém, quero chamar sua atenção para a distinção feita entre ‘corpos afogados’ e corpos ‘atirados na água imediatamente após uma morte violenta’. Embora o autor reconheça a diferença, ele inclui ambos na mesma categoria. Já demonstrei como o corpo de um afogado torna-se especialmente mais pesado do que a massa de água que desloca e que não afundaria de modo algum, a não ser pela agitação que o leva a erguer os braços acima da superfície e pela ingestão de água quando está submerso, ingestão esta que substitui o ar nos pulmões por água. No entanto, essa agitação e ingestão não ocorreriam no corpo ‘atirado na água imediatamente após uma morte violenta’. Assim, neste último caso, o corpo, de modo geral, não afundaria de forma alguma; um fato que o *L’Etoile* claramente ignora. Quando a decomposição atinge um estágio bem avançado, em que a carne se desprende em grande medida dos ossos, somente então, e jamais antes, perdemos o cadáver de vista.

“E o que dizer do argumento de que o corpo encontrado não poderia ser de Marie Rogêt porque, tendo se passado apenas três dias,

o cadáver fora encontrado boiando? Se afogada, sendo mulher, ela poderia jamais ter afundado; ou, tendo afundado, teria reaparecido em vinte e quatro horas ou menos. Todavia, ninguém supõe que tenha se afogado e, se estivesse morta antes de ser atirada no rio, poderia ter sido encontrada boiando em qualquer período subsequente.

“Contudo, de acordo com o *L'Etoile*, ‘se o corpo tivesse sido mantido em seu estado mutilado fora da água até terça à noite, algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado nas margens do rio’. Aqui, à primeira vista, é difícil perceber a intenção do autor. Ele deseja antecipar o que imagina ser uma objeção à sua teoria, a saber: que o corpo foi mantido em terra firme por dois dias, sofrendo assim rápida decomposição, mais rápida do que se estivesse imerso na água. Ele supõe que, se fosse esse o caso, o corpo poderia ter surgido na quarta-feira, julgando que apenas sob tais circunstâncias isso seria possível. Do mesmo modo, apressa-se para demonstrar que o cadáver não foi mantido na margem, pois, do contrário, ‘algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado nas margens do rio’. Presumo que esteja sorrindo diante do resultado lógico que se segue. Você não consegue entender como a mera permanência do cadáver fora da água poderia multiplicar os vestígios dos assassinos. Nem eu.

“Além do mais, é altamente improvável’, prossegue o jornal, ‘que os bandidos que cometeram um assassinato como este atirassem o corpo na água sem algum peso que o fizesse afundar, quando tal precaução poderia ter sido tomada sem dificuldades.’ Observe, aqui, a risível confusão de pensamentos! Ninguém, nem mesmo o *L'Etoile*, questiona se o *corpo encontrado* foi de fato assassinado. As marcas de violência são por demais óbvias. O objetivo do autor é somente demonstrar que o corpo não é de Marie. Ele deseja provar apenas que a moça não foi assassinada, e não que o cadáver encontrado não tenha sido. No entanto, sua observação prova apenas o segundo ponto. Temos um corpo ao qual não foi incorporado nenhum peso suplementar que o fizesse afundar por conta própria. Os assassinos, quando arremessaram o corpo, decerto teriam tomado tal precaução. Sendo assim, o corpo não foi atirado no rio pelos assassinos. Se algo foi provado,

trata-se disso apenas. A questão da identidade não foi sequer abordada, e o *L'Etoile* esforçou-se arduamente apenas para contradizer agora o que admitira antes. 'Estamos convencidos', diz o jornal, 'de que o corpo encontrado foi o de uma mulher assassinada.'

"Essa sequer é a única instância em que nosso autor, de maneira involuntária, contradiz o próprio raciocínio. Já falei aqui que seu objetivo evidente é reduzir, o máximo possível, o intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do cadáver. No entanto, ele insiste no ponto de que ninguém viu a moça desde que ela deixara a casa da mãe. 'Embora não tenhamos provas', diz o periódico, 'de que Marie Rogêt estivesse entre os vivos após às nove horas no domingo, dia 22 de junho'. Como o argumento é obviamente parcial, ele deveria, ao menos, ter deixado o assunto de lado; pois, se fosse sabido que alguém viu Marie, digamos na segunda ou terça-feira, o intervalo em questão diminuiria bastante e, de acordo com o raciocínio do autor, também teríamos reduzida a probabilidade de ser o cadáver da *grisette*. É, não obstante, divertido observar que o *L'Etoile* insiste nesse ponto acreditando piamente que ele colabora com seu argumento geral.

"Reexamine agora o trecho do argumento que menciona a identificação do cadáver por Beauvais. No que diz respeito ao pelo no braço, o *L'Etoile* foi ingênuo. *Monsieur* Beauvais, não sendo um idiota, jamais teria embasado a identificação do cadáver apenas pela presença de pelos no braço. Nenhum braço é desprovido de pelos. A generalização da expressão empregada pelo jornal é uma deturpação da fraseologia da testemunha. Ele deve ter se referido a alguma peculiaridade no pelo, algo sobre cor, quantidade, tamanho ou estado.

"Seus pés', alega o jornal, 'eram pequenos — assim como o são milhares de pés. A liga não constitui prova alguma, nem o sapato, pois sapatos e ligas são vendidos aos montes. O mesmo pode ser dito das flores no chapéu. Um ponto sobre o qual *monsieur* Beauvais insiste com firmeza é que a fivela da liga encontrada fora ajustada, sendo puxada para trás. Isso não quer dizer nada; muitas mulheres preferem levar um par de ligas para casa e ajustá-las de acordo com o próprio tamanho em vez de experimentá-las na loja onde fizeram a compra.' Aqui é difícil supor que

o autor esteja falando sério. Se *monsieur* Beauvais, em sua busca pelo corpo de Marie, descobrisse um corpo que correspondesse em tamanho e aparência à moça desaparecida, ele teria a chancela (sem mencionar a questão da vestimenta) de concluir que tivera êxito em sua busca. Se, além do tamanho e do aspecto geral, encontrasse no braço uma peculiar aparência pilosa que já observara antes em Marie, quando viva, sua opinião poderia ter sido justificadamente fortalecida; o aumento de sua certeza seria assim proporcional à peculiaridade ou à raridade do aspecto dos pelos. Se os pés de Marie fossem pequenos, assim como os do cadáver, o aumento da probabilidade de que o corpo seria dela não se daria apenas em proporção aritmética, mas igualmente geométrica ou acumulativa. Acrescente a tudo isso sapatos tais como os que ela estava usando no dia em que desapareceu e, embora possam ter sido ‘vendidos aos montes’, aumentamos a probabilidade à beira da certeza. O que, por si só, não é evidência alguma de identidade torna-se, em virtude de sua posição colaborativa, uma prova indubitável. Se acrescentarmos flores no chapéu semelhantes às usadas pela moça desaparecida, não precisamos buscar mais nada. Se apenas uma flor já nos faria abandonar nossa busca, o que dizer de duas, três ou mais? Cada flor sucessiva é evidência múltipla, não provas *acrescentadas* a provas, mas multiplicadas por centenas ou milhares. Se descobrirmos, na falecida, ligas como as usadas pela moça quando viva, é quase tolice prosseguir. Porém, essas ligas foram ajustadas, presas na parte posterior por uma fivela, de maneira idêntica ao modo como Marie ajustara as suas um pouco antes de sair de casa. Chegamos ao ponto em que duvidar é loucura ou hipocrisia. O que o *L'Etoile* diz sobre o ajuste das ligas ser pouco comum não demonstra nada além de sua persistência no erro. A própria elasticidade do fecho da liga demonstra que tais ajustes não são incomuns. O que é feito para ser ajustado raramente necessitaria de ajustes adicionais. Deve ter sido por um acidente, no sentido estrito da palavra, que as ligas de Marie precisaram ser apertadas tal como foi descrito. As ligas por si só teriam estabelecido sua identidade. Mas acontece que o cadáver não possuía apenas as ligas da moça desaparecida, ou seus sapatos, ou seu chapéu, ou as flores, ou os pés, ou uma marca peculiar no braço, ou seu tamanho e aspecto

geral. O cadáver possuía cada uma dessas características e todas *ao mesmo tempo*. Se pudéssemos provar que o editor do *L'Etoile realmente* tivesse alguma dúvida, sob tais circunstâncias, não haveria necessidade, no caso, de uma intervenção por insanidade. Ele julgou sagaz repetir a conversa fiada dos advogados que, por sua vez, contentam-se em repetir os preceitos dos tribunais. Gostaria de observar que boa parte do que é rejeitado como evidência por um tribunal apresenta-se como a melhor das provas para o intelecto. Pois o tribunal, guiando-se pelos princípios gerais da evidência, princípios reconhecidos e sobre os quais *versam os livros*, é avesso aos desvios de suas ocorrências particulares. E essa aderência rígida aos princípios, com rigoroso desdém à exceção conflituosa, é um modo garantido de atingir a máxima veracidade possível em qualquer sequência duradoura de tempo. A prática, em geral, é, portanto, filosófica; mas não é menos certo que engendre vastos erros individuais.<sup>14</sup>

“Em relação às insinuações direcionadas a Beauvais, você deverá estar disposto a rechaçá-las de pronto. Já deve ter compreendido a verdadeira natureza desse bom cavalheiro. É um enxerido, mais fantasioso do que sagaz. Qualquer um com esse temperamento se comportaria prontamente desse modo e, em uma ocasião de agitação verdadeira, tornaria-se passível de suspeita por parte dos perspicazes em excesso ou dos maldosos. *Monsieur* Beauvais (como dão a entender suas anotações) conversou pessoalmente com o editor do *L'Etoile* e o ofendeu ao arriscar a opinião de que o cadáver, a despeito da teoria do editor, era de Marie Rogêt, sem sombra de dúvidas. ‘Ele insiste’, diz o jornal, ‘em afirmar que o cadáver é de Marie, mas é incapaz de oferecer uma circunstância, além das que já comentamos, que convença os demais.’ Sem a necessidade de fazer novamente referência ao fato de que é impossível fornecer evidências mais sólidas para ‘convencer os demais’,

14 “Uma teoria baseada nas qualidades de um objeto impedirá que se revele de acordo com seus objetos, bem como aquele que organiza os assuntos de acordo com suas causas deixará de valorizá-los de acordo com os resultados. Assim, a jurisprudência de qualquer nação demonstrará que quando a lei se torna uma ciência e um sistema, ela deixa de ser justiça. Os equívocos para os quais uma devoção cega aos princípios da classificação costuma conduzir a lei comum são reconhecidos na observação de que amiúde a legislação é forçada a interferir para restaurar a equidade perdida por seu esquema.” — Landor. [NA]

cabe lembrar que um homem pode acreditar em algo, em um caso como este, sem possuir a capacidade de oferecer subsídio racional que fortaleça a crença de terceiros. Não é mais vago do que as impressões individuais. Cada indivíduo reconhece seu vizinho, contudo são raras as ocorrências nas quais se está preparado para explicar racionalmente tal reconhecimento. O editor do *L'Etoile* não tinha o direito de se ofender com a crença sem fundamentos do *monsieur Beauvais*.

“As circunstâncias suspeitas que o cercam se coadunam muito mais com minha hipótese de que se trata de um enxerido fantasioso do que a insinuação de culpa defendida pelo autor da matéria. Uma vez adotada minha interpretação mais caridosa, não encontramos dificuldade alguma em compreender a rosa no buraco da fechadura, o nome ‘Marie’ escrito na lousa, o rechaçar de parentes do sexo masculino, que foram impedidos de ver o corpo, o conselho dado a madame B., de que não deveria conversar com o policial até que ele, Beauvais, retornasse, e, finalmente, sua aparente determinação de que ‘somente ele poderia estar a par e à frente dos procedimentos’. Não há dúvidas de que Beauvais estava cortejando Marie e que ela, por sua vez, fora coquete com ele, deixando no homem a impressão ambígua de que desfrutava a totalidade de sua intimidade e confiança. Não me estenderei nesse ponto e, como a evidência rejeita a afirmação do *L'Etoile* no que diz respeito à apatia da mãe e dos demais parentes (uma apatia incompatível com a suposição de que acreditavam de fato se tratar do cadáver da moça da perfumaria), prosseguiremos como se a questão acerca de sua identidade já estivesse resolvida de maneira mais do que satisfatória.”

— E o que você acha — perguntei — das opiniões do *Le Commercial*?

— Acho que, em essência, são muito mais dignas de atenção do que qualquer outra publicada sobre o assunto. Suas deduções das premissas são filosóficas e perspicazes; mas as premissas, pelo menos em dois exemplos, são fundamentadas em uma observação incorreta. O *Le Commercial* deseja insinuar que Marie foi sequestrada por uma gangue de rufiões em um ponto não muito distante da casa de sua mãe. “É impossível”, alega o jornal, “que uma pessoa tão conhecida quanto era essa jovem pudesse ter passado por três quarteirões sem ter sido vista por

ninguém.” Essa é a visão de um homem há muito residente em Paris, um homem público, alguém cujas andanças de um lado para o outro pela cidade limitam-se à vizinhança das repartições públicas. Ele tem consciência de que raramente poderá sair de seu escritório e caminhar uma dúzia de quarteirões sem ser reconhecido ou abordado em seu trajeto. Assim, ciente da extensão de seu conhecimento pessoal em relação aos outros e vice-versa, compara sua notoriedade com a da moça da perfumaria, não detecta diferença substancial alguma e chega à conclusão de que ela, em suas andanças, seria igualmente passível de ser reconhecida. Isso só seria possível se as caminhadas de Marie tivessem o mesmo padrão invariável e metódico e se limitassem às mesmas regiões que ele. O homem caminha de um lado para o outro, em intervalos regulares, em uma periferia confinada, repleta de indivíduos que são levados a observar sua pessoa por interesse na natureza semelhante de sua ocupação. Contudo, as andanças de Marie poderiam ser, em geral, aleatórias. Nesse caso específico, entendemos ser mais provável que ela tenha seguido por um caminho diverso do habitual, com o qual já estava acostumada. O paralelo que imaginamos ter existido na mente do *Le Commercial* só poderia se sustentar se os dois indivíduos atravessassem a cidade inteira. Nesse caso, admitindo que o número de conhecidos fosse o mesmo, também seriam iguais as chances de que ocorresse um número igual de encontros. Julgo não apenas possível, como bem mais provável, que Marie tenha seguido por qualquer uma das rotas entre sua residência e a de sua tia sem ter encontrado uma única pessoa que conhecesse ou por quem fosse conhecida. Ao examinarmos essa questão com clareza e atenção, devemos ter em mente a grande desproporção existente entre a quantidade de conhecidos de uma pessoa, até mesmo do indivíduo mais notório de Paris, e a população total da cidade.

“Porém, seja qual for a força que ainda possa estar presente na sugestão do *Le Commercial*, ela será bastante reduzida se levarmos em consideração a hora em que a moça saiu. ‘As ruas estavam cheias quando a moça saiu de casa’, declarou o jornal. Mas não foi esse o caso. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove da manhã, em qualquer dia da semana, as ruas da cidade estão, de fato, lotadas, *exceto aos*

*domingos*. Nesses dias, a maior parte das pessoas está em casa, *preparando-se para ir à igreja*. Indivíduo observador algum pode deixar de notar a atmosfera peculiarmente deserta da cidade, de oito da manhã às dez, aos domingos. Entre dez e onze, as ruas estão apinhadas, mas não em um período mais cedo do que o estipulado.

“Há outro ponto em que parece haver uma má observação da parte do *Le Commercial*. ‘Uma faixa’, declarou o periódico, ‘de uma das anáguas da pobre moça, medindo sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancada e amarrada sob seu queixo, passando por trás da cabeça, provavelmente para impedir que gritasse. Isso foi feito por sujeitos que não portavam lenços de bolso.’ Se essa ideia tem ou não cabimento, é algo que vamos avaliar depois; mas, com ‘sujeitos que não portavam lenços de bolso’, o editor quer se referir à mais baixa classe de rufiões. Esses, todavia, são exatamente aqueles que sempre levam lenços de bolso consigo, mesmo quando desprovidos de camisas. Você deve ter tido oportunidade de observar o quão absolutamente indispensável se tornou, nos últimos anos, o lenço de bolso para o bandido minucioso.”

— E o que podemos aduzir do artigo do *Le Soleil*? — indaguei.

— É uma pena que seu autor não tenha nascido um papagaio; seria o papagaio mais ilustre de sua raça. Ele só fez repetir, item por item, as opiniões já publicadas; coletou-as, com louvável diligência, deste e daquele jornal. ‘Os artigos encontrados decerto já estavam no local onde foram achados’, concluiu o jornal, ‘há pelo menos três ou quatro semanas. *Não restam dúvidas*, portanto, de que o local deste assombroso ultraje tenha sido descoberto.’ Os fatos repetidos pelo *Le Soleil* estão muito longe de demover minhas próprias dúvidas sobre o assunto e vamos examiná-los doravante com mais detalhes em conexão com outro tópico do tema.

“Por enquanto, devemos nos ocupar com outras investigações. Você sem dúvida notou o quão negligente foi o exame do cadáver. É verdade que a identidade foi determinada na mesma hora, ou deveria ter sido; mas havia outros detalhes a serem averiguados. O corpo foi, de alguma maneira, roubado? A falecida estava usando alguma joia ao sair de casa?

Caso estivesse, ainda as usava quando foi encontrada? São perguntas importantes que não foram sequer aventadas na investigação; existem outras, tão pertinentes quanto, que também passaram despercebidas. Resta-nos ficar satisfeitos com nossa própria investigação. O caso de St. Eustache deve ser reexaminado. Não suspeito dele, mas procederemos de maneira metódica. Temos que comprovar, com absoluta certeza, a validade da declaração que ele deu acerca de seu paradeiro no domingo. Declarações desse tipo são logo passíveis de especulação. Porém, caso não haja nada errado, isentaremos St. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, por mais que possa colaborar com a suspeita, caso haja falsidade em suas declarações, não é, na ausência de qualquer fraude, uma circunstância inexplicável ou um acontecimento que nos obrigue a desviar do curso natural de nossa análise.

“Proponho, então, que descartemos os aspectos internos desta tragédia para nos concentrarmos nos externos. Um erro bastante comum em investigações deste tipo é a limitação do procedimento aos acontecimentos imediatos, ignorando completamente os colaterais ou circunstanciais. Os tribunais possuem uma prática equivocada de restringir as evidências e discussões aos limites de uma relevância aparente. Não obstante, a experiência já demonstrou, bem como uma filosofia autêntica sempre mostrará, que uma vasta porção da verdade, quiçá a maior, surge de tudo que é aparentemente irrelevante. Foi com o espírito desse princípio, se não pelo caráter, que a ciência moderna resolveu calcular o imprevisto. No entanto, talvez você não me compreenda. A história do conhecimento humano mostra continuamente que devemos aos acontecimentos colaterais, incidentais ou acidentais, as descobertas mais numerosas e valiosas; que, por fim, se tornou necessário, em qualquer visão prospectiva de aprimoramento, fazer grandes concessões às invenções que surgem por acaso, fora do escopo da expectativa comum. Já não é mais filosófico basear-se em uma visão de futuro. O acidental deve ser reconhecido como uma parte da subestrutura. Fazemos do acaso uma questão de cálculo absoluto. Submetemos o inédito e o inimaginável às fórmulas matemáticas escolares.

“É fato, eu repito, que a maior parte da verdade surge do colateral; é de acordo com o espírito do princípio envolvido nesse fato que, no presente caso, desvio minha investigação do caminho já percorrido e infértil do acontecimento em si para as circunstâncias contemporâneas que o cercam. Enquanto verifica a validade dos atestados, examinarei os jornais de maneira mais geral do que você fez até agora. Até o momento, só reconhecemos o campo da investigação. Duvido, entretanto, que uma busca minuciosa nos jornais, tal como proponho, não nos ofereça detalhes preciosos que hão de estabelecer uma direção para nossa investigação.”

Acatando a sugestão de Dupin, fiz um exame metucioso dos atestados. O resultado foi uma firme convicção de sua validade e, por consequência, da inocência de St. Eustache. Nesse meio-tempo, meu amigo ocupou-se — com o que parecia uma minúcia despropositada — em examinar os diversos periódicos. Ao fim de uma semana, ele me apresentou os seguintes trechos:

Há cerca de três anos e meio, uma comoção semelhante à atual foi causada pelo desaparecimento da mesma Marie Rogêt da perfumaria do *monsieur* Le Blanc, no Palais Royal. Ela, contudo, reapareceu em seu habitual balcão uma semana depois, bem-disposta como de costume, exceto por uma leve palidez incomum. *Monsieur* Le Blanc e a mãe da moça declararam que ela fora apenas visitar uma amiga no interior, e o caso foi rapidamente abafado. Presumimos que o sumiço atual seja uma anomalia semelhante e que, ao fim de uma semana ou quiçá um mês, a tenhamos outra vez entre nós. — *Evening Paper*, segunda-feira, dia 23 de junho.<sup>15</sup>

Um jornal vespertino de ontem refere-se ao outro desaparecimento misterioso de *mademoiselle* Rogêt. É sabido que, durante a semana que esteve ausente da perfumaria de Le Blanc, encontrava-se em companhia de um jovem oficial da marinha,

célebre por sua libertinagem. Supõe-se que uma discussão, de modo providencial, a tenha feito regressar a casa. Temos o nome do sedutor, que está atualmente em Paris por força de sua ocupação, mas, por motivos óbvios, não o revelaremos ao público. — *Le Mercurie*, manhã de terça-feira, 24 de junho.<sup>16</sup>

Uma atrocidade bárbara foi cometida nos arredores da cidade anteontem. Ao anoitecer, um cavalheiro, acompanhado pela esposa e pela filha, contratou os serviços de seis jovens, que estavam remando perto das margens do Sena de um lado para o outro, a fim de o transportassem para o outro lado do rio. Ao alcançarem o destino proposto, os três passageiros desembarcaram e já estavam se afastando do barco quando a moça descobriu que havia esquecido a sombrinha. Ela voltou para buscá-la e foi rendida pelo bando, carregada pelo rio, amordaçada, brutalmente atacada e, por fim, levada até a margem, em um ponto não muito distante do local em que embarcara com os pais. Os bandidos escaparam, mas a polícia está no encalço deles e alguns serão detidos em breve. — *Morning Paper*, 25 de junho.<sup>17</sup>

Recebemos um ou dois comunicados que visam implicar Mennais<sup>18</sup> em uma recente atrocidade, mas o cavalheiro em questão já foi completamente isentado de culpa após um inquérito legal e, uma vez que os argumentos de nossos diversos correspondentes parecem mais fanáticos do que profundos, não julgamos aconselhável publicá-los. — *Morning Paper*, 28 de junho.<sup>19</sup>

Recebemos diversos comunicados, escritos com vigor e aparentemente de fontes variadas, que afirmam, sem sombra de dúvida, que a desventurada Marie Rogêt foi vítima de uma das inúmeras quadrilhas de malfeitores que infestam os

16 *New York Herald*. [NA]

17 *New York Courier Inquirer*. [NA]

18 Mennais foi um dos suspeitos presos, mas liberado por completa ausência de provas. [NA]

19 *New York Courier Inquirer*. [NA]

arredores da cidade aos domingos. Nossa própria opinião, decididamente, favorece essa conjectura. Buscaremos apresentar, doravante, alguns desses argumentos. — *Evening Paper*, terça-feira, 31 de junho.<sup>20</sup>

Na segunda-feira, um dos barqueiros ligado ao serviço aduaneiro avistou um barco vazio singrando no Sena. As velas jaziam nos fundos da embarcação. O barqueiro o rebocou até seu posto de trabalho. No dia seguinte, o barco foi levado sem o conhecimento de nenhum dos oficiais. O leme se encontra no posto. — *Le Diligence*, quinta-feira, 26 de junho.<sup>21</sup>

Ao concluir a leitura desses diversos trechos, eles não só me pareceram irrelevantes como não conseguia perceber de que modo poderiam estar relacionados ao assunto em questão. Esperei que Dupin me oferecesse alguma explicação a respeito.

— Não é minha intenção no momento — disse ele — me deter no primeiro e no segundo trechos. Eu os selecionei apenas para lhe mostrar o extremo descuido da polícia que, até onde o comissário me informou, não se deu ao trabalho de investigar o referido oficial da marinha. No entanto, é tolice afirmar que não há uma conexão plausível entre o primeiro e o segundo desaparecimento de Marie. Vamos supor que a primeira fuga tenha resultado em uma briga entre os dois amantes, com o retorno da jovem traída ao lar. Assim, estamos preparados para ver a segunda fuga (se soubermos que se trata de fato de uma fuga) como uma renovação das investidas do jovem traidor, e não como resultado de novas propostas feitas por um novo pretendente. Estamos preparados para entendê-la como um indicativo de “pazes” com um velho amor, e não como o começo de um novo relacionamento. É muito mais provável que o sujeito com quem Marie fugiu pela primeira vez tivesse proposto uma nova fuga do que a jovem receber uma proposta de outro indivíduo. E deixe-me chamar sua

20 *New York Evening Post*. [NA]

21 *New York Standard*. [NA]

atenção para o fato de que o tempo transcorrido entre a primeira fuga comprovada e a segunda fuga presumida é alguns meses mais extenso do que a duração comum das viagens realizadas por nossos navios de guerra. Teria o conquistador sido interrompido, em sua primeira investida, por uma necessidade de embarque imediato e aproveitado o primeiro momento de seu regresso para retomar os vis propósitos não logrados, ou não logrados *por ele*? Não sabemos nada a respeito.

“Você dirá, contudo, que na segunda hipótese não houve fuga como imaginamos. Certamente que não, mas será que não houve uma tentativa frustrada? Além de St. Eustache, e talvez de Beauvais, não encontramos outros pretendentes de Marie reconhecidos, assumidos e honrados. Nenhum outro é conhecido. Quem será, então, o amante secreto a respeito do qual os familiares da moça (ou, pelo menos, a maioria) nada sabem, mas que Marie teria encontrado na manhã de domingo e em quem confiava tanto a ponto de ficar em sua companhia até o cair da noite, entre os bosques solitários de Barrière du Roule? Quem é esse amante secreto, pergunto, cuja existência é desconhecida por boa parte dos familiares da jovem? E o que significa a profecia singular de madame Rogêt na manhã da partida de Marie? De que nunca mais veria Marie novamente?”

“Todavia, ainda que não seja possível imaginar madame Rogêt a par da intenção de fuga de sua filha, acaso não podemos levar em consideração que a filha tenha cogitado essa fuga? Ao deixar sua casa, ela deu a entender que visitaria uma tia na rua des Drômes e que St. Eustache iria buscá-la à noite. Ora, à primeira vista, tal fato se opõe completamente à minha sugestão, mas vamos refletir melhor. *Sabemos* que ela de fato se encontrou com alguém e que atravessou o rio com essa pessoa, chegando no Barrière du Roule às três horas da tarde. Porém, ao consentir em acompanhar esse indivíduo (seja lá com que propósito, conhecido ou não por sua mãe), ela decerto se recordou de ter anunciado sua intenção ao sair de casa e imaginou a surpresa e a desconfiança que seu pretendente, St. Eustache, haveria de sentir quando, ao ir buscá-la na hora combinada na rua de Drômes, não a encontrasse no local. E, pior ainda, quando regressasse à pensão com essa notícia alarmante, ficasse

sabendo que ela não voltara para casa. Ela provavelmente refletiu sobre isso, creio. Deve ter previsto a mortificação de St. Eustache, a falta de confiança dos demais. Pode não ter pensado em voltar para encarar essa situação, mas a desconfiança torna-se um ponto de importância trivial para ela, se supormos que não tinha a intenção de retornar.

“Podemos imaginá-la pensando o seguinte: ‘Estou indo me encontrar com uma pessoa com o propósito de fugir com ela, ou por algum outro determinado motivo conhecido apenas por mim mesma. É essencial que não haja nenhuma chance de sermos interrompidos. Precisamos de tempo suficiente para evitar que nos sigam. Então, vou dar a entender que visitarei minha tia e passarei o dia com ela na rua des Drômes; pedirei a St. Eustache que me busque à noite; assim, terei como justificar minha ausência pelo maior período possível, sem causar suspeita ou inquietação, ganhando mais tempo do que se empregasse qualquer outra estratégia. Se eu pedir que St. Eustache me busque apenas à noite, ele com certeza não aparecerá antes; mas se eu não fizer esse pedido, terei menos tempo para fugir, uma vez que esperaríamos que eu retornasse para casa mais cedo, e minha ausência causaria preocupação. Agora, se eu pretendesse voltar de fato para casa, dando apenas um passeio com o indivíduo em questão, não seria sensato pedir que St. Eustache me buscasse, pois, quando o fizesse, decerto se certificaria de que o enganei, fato que poderei manter em segredo para sempre, saindo de casa sem notificá-lo de minhas intenções, voltando antes do anoitecer e só então comunicar que visitei minha tia na rua des Drômes. Contudo, se minha intenção é não voltar nunca mais; ou, pelo menos, me ausentar durante várias semanas, ou até que possa ocultar determinadas circunstâncias, preciso apenas me preocupar em ganhar tempo’.

“Você observou, em suas anotações, que a opinião geral em relação a este lamentável caso é, e foi desde o início, de que a moça foi vítima de uma quadrilha de meliantes. Ora, a opinião pública, de certa forma, não deve ser desprezada. Quando surge por conta própria, quando se manifesta de maneira estritamente espontânea, devemos considerá-la análoga àquela *intuição* característica do homem de gênio. Em noventa e nove casos de cem, rendo-me à sua decisão. Porém, é importante não

encontrarmos nela traços palpáveis de manipulação. A opinião deve ser rigorosamente do público, e essa distinção amiúde é muito difícil de ser percebida e mantida. No atual exemplo, parece-me que a 'opinião pública' em relação à quadrilha foi sugerida pelo acontecimento colateral detalhado no terceiro de meus recortes. Paris inteira está em polvorosa com a descoberta do corpo de Marie, uma moça jovem, bonita e conhecida. Esse cadáver foi encontrado com marcas de violência, boiando no rio. Agora, no entanto, sabemos que no mesmo período (ou perto disso) em que se supõe que a moça tenha sido assassinada, uma ocorrência semelhante, embora menos grave, fora cometida por uma quadrilha de jovens delinquentes que vitimaram outra moça. É de se admirar que uma atrocidade já conhecida possa influenciar o julgamento popular em relação a uma desconhecida? Tal julgamento clamava por uma diretriz, e o crime já conhecido ofereceu uma oportunidade bastante propícia para seu surgimento! Marie também foi encontrada no rio; o mesmo rio onde se deu o ataque conhecido. A relação entre os dois acontecimentos parecia tão palpável que a verdadeira surpresa seria se o público não a reconhecesse e absorvesse. Mas, de fato, a atrocidade que sabemos ter sido cometida é justamente evidência de que a outra, ocorrida em um período coincidente, não foi cometida da mesma maneira. Seria realmente um milagre que uma gangue de meliantes cometesse, em uma dada localidade, um ataque inaudito, e, enquanto isso, outra gangue semelhante, em um local próximo, na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, empregando os mesmos meios e métodos, estivesse cometendo um crime da mesma natureza, exatamente na mesma hora! Não obstante, o que a opinião sugestionada por acidente do público nos leva a crer, se não nesse mirabolante encadeamento de coincidências?

“Antes de prosseguirmos, avaliaremos a suposta cena do assassinato, o matagal em Barrière du Roule. Esse matagal, embora denso, encontra-se contíguo a uma via pública. Havia três ou quatro pedras grandes no local, formando uma espécie de assento, com apoio para as costas e pés. Na pedra mais elevada, descobriram uma anágua branca; na menor, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, um par de luvas e um lenço de bolso também foram encontrados. O lenço trazia

o nome 'Marie Rogêt'. Pedacos do vestido foram achados nos galhos ao redor. A terra apresentava marcas de passos, os arbustos estavam quebrados e havia diversos indícios de um confronto violento.

“A despeito da comoção com a qual a descoberta desse matagal foi recebida pela imprensa, e a unanimidade com que se supunha indicar o local preciso do crime, deve-se admitir que havia bons motivos para dúvidas. De que se tratava da cena do crime, posso ou não acreditar, mas há excelente motivo para dúvida. Se o assassinato tivesse ocorrido, como sugerido pelo *Le Commercial*, nas vizinhanças da rua Pavée St. Andrée, os criminosos, supondo que ainda residam em Paris, estariam naturalmente atemorizados com a atenção pública direcionada para eles; em determinados raciocínios, teria surgido de pronto uma necessidade de empenho para redirecionar alhures tal atenção. Deste modo, uma vez que a suspeita já recaía no matagal do Barrière du Roule, a ideia de dispersar os artigos onde foram encontrados pode ter sido proposital. Não há nenhuma evidência concreta, ao contrário do que supõe o *Le Soleil*, de que os artigos descobertos tenham estado há dias no matagal; enquanto existem muitas provas circunstanciais de que não poderiam ter permanecido no local sem chamar atenção durante os vinte dias que transcorreram do domingo fatal até a tarde em que foram descobertos pelos meninos. ‘Encontravam-se bastante *mofados*’, alegou o *Le Soleil*, adotando as opiniões de seus antecessores, ‘em virtude da ação da chuva, e bem grudados pela ação do *mofo*. A grama crescera ao redor e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas as costuras haviam cedido. A parte superior, onde fora dobrada, estava *mofada* e apodrecida e rasgou quando a sombrinha foi aberta.’ Com relação a grama ter crescido ‘ao redor e sobre alguns deles’, é óbvio que o fato só pode ter sido aduzido pelas palavras e, conseqüentemente, pelas lembranças dos dois meninos, pois eles removeram os artigos e os levaram para casa antes que pudessem ter sido examinados por terceiros. Mas a grama cresce, sobretudo em climas quentes e úmidos (como na época do assassinato), de cinco a sete centímetros por dia. Uma sombrinha esquecida sobre um gramado pode, em uma única semana, ser inteiramente coberta pelo crescimento da grama. E em relação ao mofo sobre o qual o editor do *Le Soleil* tanto insiste,

a ponto de fazer referência a isso nada menos do que três vezes no breve parágrafo que acabo de citar, será que de fato ele desconhece a natureza desse mofo? Seria necessário informá-lo de que se trata de uma das diversas classes de fungos cuja característica mais comum é seu rápido crescimento e putrefação em apenas vinte e quatro horas?

“Vemos então, por um lado, que o que foi triunfalmente aduzido, em apoio à ideia de que os artigos estiveram ‘há pelo menos três ou quatro semanas’ no matagal, é nulo às raias do absurdo no que concerne a qualquer tipo de evidência do fato. Por outro lado, é muito difícil acreditar que tais artigos pudessem permanecer no matagal em questão por um intervalo maior do que uma semana; ou seja, um período superior ao de um domingo ao outro. Quem conhece a vizinhança de Paris sabe a extrema dificuldade que é encontrar um lugar mais reservado, a não ser bem longe de suas áreas residenciais. Um retiro inexplorado ou até mesmo pouco visitado, entre bosques e matas, é algo inimaginável. Deixe que um amante da natureza, não obstante preso por seu dever à poeira e ao calor desta grande metrópole, deixe que ele tente, mesmo durante a semana, saciar sua sede de solidão entre as paisagens de natural encanto que nos cercam. A cada passo, ele testemunhará o encanto crescente dissolvido pela algazarra de algum meliante ou ganguê de desocupados farristas. Buscará privacidade entre a folhagem mais densa, mas será em vão. São precisamente esses os recantos onde pulula a ralé, são esses os templos mais profanados. Com o coração confrangido, nosso andarilho regressará às pressas para a poluída Paris, tomando-a como menos odiosa por ser menos incongruente. Porém, se a vizinhança da cidade é tão movimentada durante a semana, que dirá no domingo! É exatamente nesse dia em que, livres das demandas laborais ou privados de suas oportunidades costumeiras de crimes, os malfeitores da cidade buscam as áreas mais remotas, não por apreço ao campo (que, no fundo, desprezam), mas sim como via de evasão das limitações e das convenções da sociedade. Desejam menos o ar fresco e as árvores verdejantes do que a permissividade absoluta do campo. Lá, na pousada à beira da estrada ou entre a folhagem das matas, livre de quaisquer testemunhas exceto

seus companheiros, entrega-se aos loucos excessos de uma falsa alegria, provocada pela combinação da liberdade e do rum. Não digo nada além do que deve ser óbvio para qualquer observador imparcial quando repito que o fato de os artigos em questão terem permanecido ocultos por mais de uma semana, em qualquer matagal nas imediações de Paris, deve ser visto como algo nada menos do que milagroso.

“Contudo, não são necessários outros fundamentos para confirmar a suspeita de que os artigos foram colocados no matagal com a intenção de desviar a atenção do verdadeiro local do crime. Em primeiro lugar, deixe-me atentá-lo para a data da descoberta dos artigos. Compare-a com a data do quinto recorte que extraí dos jornais. Você perceberá que a descoberta se deu quase imediatamente após a chegada dos comunicados urgentes enviados ao jornal vespertino. Tais comunicados, embora variados e provenientes de diversas fontes, versam todos sobre o mesmo tema, a saber, apontavam uma gangue como responsável pelo crime e as cercanias de Barrière du Roule como o local em que fora cometido. Aqui, é claro, a suspeita não é de que os artigos tenham sido encontrados pelos meninos em consequência dessas mensagens ou da atenção pública que tenham provocado; a suspeita pode e deve ser de que os artigos não foram encontrados antes pelo simples fato de que não estavam lá, tendo sido dispostos no local apenas na ocasião dos comunicados, ou um pouco antes, por seus culpados autores.

“Esse matagal era singular, bastante singular. Excepcionalmente denso. Dentro de suas muralhas naturais, havia três pedras bem grandes, formando um assento com apoio para as costas e os pés. E esse matagal, tão repleto da arte da natureza, encontra-se nas vizinhanças da residência de madame Deluc, cujos meninos tinham o hábito de vasculhar os arbustos ao redor em busca de cascas de açafraão. Seria impulsivo apostar, em uma aposta de mil para um, que dificilmente um dia tenha se passado sem que pelo menos um dos meninos tivesse se embrenhado nesse recanto de sombras para sentar-se em seu trono de pedra? Os que hesitam perante tal aposta ou nunca foram crianças ou se esqueceram de sua natureza pueril. Repito: é extremamente difícil compreender como foi possível que os artigos tenham permanecido no matagal sem

serem descobertos por um intervalo superior a um ou dois dias; logo, temos um fundamento plausível para suspeitar, a despeito da ignorância dogmática do *Le Soleil*, de que os dispuseram, em uma data comparativamente tardia, no local em que foram encontrados.

“Contudo, existem outros e mais contundentes motivos para acreditar nessa hipótese, maiores do que os que elenquei até agora. Deixei-me chamar sua atenção para a disposição altamente artificial dos artigos. Na pedra mais alta, encontrava-se uma anágua branca; na posterior, uma echarpe de seda; espalhados a esmo, estavam a sombrinha, as luvas e o lenço com o nome ‘Marie Rogêt’. Está aí o arranjo que de certo seria feito por uma pessoa não muito perspicaz caso quisesse fingir naturalidade na disposição dos artigos. Mas não é, nem de longe, um arranjo natural. O mais natural seria encontrar todos os artigos atirados e pisoteados no chão. Nos limites estreitos do caramanchão, seria praticamente impossível que a anágua e a echarpe tivessem permanecido nas pedras quando sujeitas ao turbulento ir e vir de várias pessoas em confronto. ‘Havia’, segundo o jornal, ‘sinais evidentes de luta; viam-se pegadas na terra e os arbustos estavam quebrados’, mas a anágua e a echarpe foram encontradas como se estivessem dispostas em prateleiras. ‘Os retalhos do vestido espalhados pelos arbustos mediam em torno de sete centímetros de largura e quinze de comprimento. Um deles era a bainha do vestido, que fora remendada. Pareciam faixas que foram arrancadas.’ Aqui, sem querer, o *Le Soleil* empregou uma frase altamente suspeita. Os artigos, tal como descritos, de fato pareciam faixas arrancadas, mas arrancadas de propósito e com as mãos. É um dos acidentes mais raros que uma faixa seja ‘arrancada’ de qualquer vestimenta, como no caso em questão, pelo contato com espinhos. Pela própria natureza dos tecidos, um espinho ou um prego que fique preso na roupa vai rasgá-la de forma retangular, dividindo-os em dois rasgos longitudinais, formando ângulos retos um com o outro, unindo-se em um vértice onde entra o espinho, mas dificilmente podemos conceber que a faixa seja ‘arrancada’. Nunca vi uma coisa dessas, você também não. É necessário, em quase todos os casos, empregar duas forças distintas, em diferentes direções, para arrancar um

pedaço de um tecido dessa maneira. Caso o tecido tenha duas pontas; se for, por exemplo, um lenço de bolso do qual se quer remover uma tira; então, e somente nessa hipótese, precisaríamos apenas de uma força. Porém, no caso em questão, temos um vestido com apenas uma ponta. Seria da ordem de um milagre a possibilidade de arrancar uma tira de seu interior, onde não há extremidade alguma, pela atuação de espinhos, e um único espinho jamais poderia fazê-lo. Até mesmo em tecidos com ponta, seriam necessários dois espinhos: um atuando em duas direções diferentes e o outro, em uma. E isso supondo que a ponta não tenha bainha. Com bainha, está fora de cogitação. Vemos então as enormes e numerosas dificuldades para que tiras de tecido sejam ‘arrancadas’ por ‘espinhos’; somos instados a crer, porém, que não apenas uma faixa foi arrancada dessa maneira, mas várias. Uma ‘era a bainha do vestido!’ A outra ‘compunha a saia, e não a bainha’, ou seja, foi completamente arrancada, pelos espinhos, da parte interna e sem pontas do vestido! Essas são coisas nas quais uma pessoa pode ser escusada por não acreditar; todavia, levadas em consideração como um todo, é possível que formem uma base menos propícia para a suspeita do que a surpreendente circunstância de que os artigos tenham sido deixados no matagal pelos mesmos assassinos que tiveram o cuidado de remover o corpo. Você não terá me compreendido direito, entretanto, se supõe que minha intenção é negar o matagal como local do crime. É possível que tenha acontecido algo lá ou, ainda mais provável, um acidente na residência de madame Deluc. Contudo, na verdade, esse é um fator menos importante. Não estamos empenhados na descoberta do local do crime, e sim na identificação dos responsáveis pelo assassinato. Minhas conclusões, embora minuciosas, tiveram a intenção de, antes de qualquer coisa, mostrar o quão tolo foi o *Le Soleil* com suas afirmações precipitadas e, principalmente, levá-lo, pelo caminho mais natural, a duvidar se o assassinato foi mesmo cometido por uma quadrilha.

“Vamos retomar esse ponto aludindo aos detalhes revoltantes oferecidos pelo legista no inquérito. Basta dizer que, uma vez publicadas, as *suposições* em relação ao número de malfeitores foram pertinentemente ridicularizadas, sendo consideradas injustas e sem

embasamento algum por todos os anatomistas ilustres de Paris. Não que a conclusão do legista seja impossível, mas não havia fundamento algum para que ele a fizesse. A pergunta é: há fundamento para outra?

“Refletiremos agora sobre os ‘indícios de confronto’; deixe-me perguntar o que esses indícios supostamente apontam: uma quadrilha. Mas não demonstram, ao contrário, a ausência de uma gangue? Que tipo de confronto pode ter ocorrido? Que confronto seria esse, tão violento e demorado a ponto de deixar ‘indícios’ em todas as direções entre uma moça fraca e indefesa e uma gangue de bandidos? Bastaria que alguns pares de braços robustos a imobilizassem em silêncio e pronto. A vítima ficaria absolutamente submissa, entregue aos agressores. É necessário que você tenha em mente que os argumentos que refutam o matagal como o local do crime fazem sentido, em grande parte, apenas quando descartam o matagal como o local de um crime cometido por mais de um indivíduo. Se imaginarmos apenas um criminoso, então podemos conceber um confronto violento e obstinado a ponto de deixar ‘indícios’ aparentes.

“E outra: já mencionei a suspeita decorrente do fato de que os artigos encontrados no matagal não tenham de modo algum sido deixados ali. Parece praticamente impossível que tais evidências de culpa tenham sido abandonadas de modo acidental. Houve presença de espírito suficiente (como supomos) para remover o cadáver, e uma evidência ainda mais certa do que o corpo em si (cujas feições podem ter sido rapidamente destruídas pela deterioração) ficou visivelmente exposta na cena do crime: refiro-me ao lenço com o nome da falecida. Se isso foi um acidente, ele não pode ter sido cometido por uma gangue. Podemos imaginá-lo apenas como o descuido de um indivíduo. Vejamos: o sujeito cometeu o assassinato. Está sozinho com o fantasma da falecida. Horrorizado com o corpo sem vida diante de seus olhos. A fúria passional do ataque passou e agora há amplo espaço em seu coração para a perplexidade natural diante do ato que cometeu. Não sente em seu íntimo a confiança que a presença de um grupo inevitavelmente inspira. Está a sós com a morta. Ele treme, está desconcertado. Ainda assim, precisa se desfazer do cadáver. Então, carrega-o até o rio,

deixando para trás as evidências de sua culpa, pois é difícil, até impossível, carregar tudo de uma só vez. E ele poderá voltar depois para buscar o que deixou. Porém, em seu penoso percurso até o rio, os temores duplicam. A vivacidade dos sons ao redor o acompanham. Diversas vezes ouve, ou imagina ouvir, os passos de um observador. Até mesmo as luzes da cidade o perturbam. Até que, afinal, após longas e frequentes pausas de intensa agonia, ele alcança a margem do rio e descarta o macabro fardo, talvez se valendo de um barco. Mas nenhum tesouro ou ameaça de vingança teriam o poder de compelir o assassino solitário a refazer aquele percurso sinistro e perigoso até o matagal e suas recordações de enregelar o sangue. Ele não volta, seja quais foram as consequências. Não poderia retornar, mesmo que quisesse. Seu único pensamento é fugir na mesma hora. Ele vira as costas aos tenebrosos arbustos para sempre e escapa como se fugisse da ira divina.

“Porém, como a coisa teria se dado com uma gangue? A presença de outras pessoas lhes imprimiria confiança; se é que um bandido contumaz em algum momento se vê desprovido dela. Presume-se que os grupos de meliantes sejam formados por bandidos obstinados. A companhia de outros, imagino, teria aplacado o terror desconcertante e irracional que imaginei capaz de paralisar o criminoso solitário. Se supormos descuido em um, dois ou três, tal deslizaria teria sido remediado por um quarto. Não teriam deixado nada para trás, uma vez que em grupo poderiam ter carregado tudo de uma só vez. Não haveria necessidade de retornar ao local do crime.

“Atenha-se agora à seguinte circunstância: no vestido que trajava o cadáver, ‘uma faixa de uns trinta centímetros fora retirada do tecido externo, da bainha para a cintura, mas não foi arrancada; estava enrolada em três voltas em torno da cintura, presa com uma espécie de nó nas costas’. Isso foi feito com o óbvio propósito de confeccionar uma alça para transportar o corpo. Mas você acha que um grupo de homens sequer sonharia em recorrer a tal expediente? Para três ou quatro indivíduos, os membros do cadáver teriam oferecido um suporte não apenas suficiente, como o melhor possível. O recurso usado é característico de um criminoso solitário e isso nos leva a entender por que ‘as

cercas que separavam o matagal do rio haviam sido removidas e o solo trazia marcas como se algo pesado e volumoso tivesse sido arrastado no local! Um grupo se daria ao trabalho supérfluo de remover uma cerca para arrastar um cadáver que poderia ser erguido prontamente sobre ela? Um grupo teria arrastado um cadáver, deixando rastros visíveis de sua passagem pelo chão?

“E aqui devemos rever uma observação feita pelo *Le Commercial*; uma observação sobre a qual já comentei. ‘Uma faixa’, atestou o periódico, ‘de uma das anáguas da pobre moça, medindo sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancada e amarrada sob seu queixo, passando por trás da cabeça, provavelmente para impedir que gritasse. Isso foi feito por sujeitos que não portavam lenços de bolso.’

“Já sugeri que um bandido de verdade nunca está sem um lenço. Porém, não é para esse fato que desejo chamar a atenção. É evidente que a mordaza não tenha sido feita pela falta de um lenço, com as intenções imaginadas pelo *Le Commercial*, tendo em vista que um lenço foi encontrado no matagal. Também parece que não foi empregada para ‘impedir que gritasse’, uma vez que a faixa foi usada no lugar de algo que teria atendido melhor ao propósito. Porém, o testemunho alega que a faixa em questão foi ‘encontrada em volta do pescoço da vítima, com um frouxo ajuste e um nó bem firme’. A declaração é bastante vaga, mas difere das palavras do jornal. A tira de tecido tinha quarenta e cinco centímetros de largura e, portanto, embora fosse de musselina, formaria uma faixa firme quando dobrada ou amassada longitudinalmente. E foi descoberta dessa maneira. Minha dedução é: o assassino solitário, tendo carregado o cadáver por uma determinada distância (seja do matagal ou de qualquer outro lugar), com a faixa amarrada na cintura da morta, começou a sentir que o fardo, assim transportado, era pesado demais para ele. Então, resolveu arrastar o cadáver. A evidência comprova que o corpo foi de fato arrastado. Com essa intenção em mente, tornou-se necessário atar algo como uma corda em uma de suas extremidades. A melhor opção seria em volta do pescoço, pois a cabeça impediria que a faixa se soltasse. Dessa forma, o assassino pensou, sem dúvida, na faixa que já estava amarrada em torno da

cintura. Ele a teria usado, não fosse sua torção em volta do cadáver, o nó que a prendia e a ideia de que não tinha sido ‘arrancada’. Era mais fácil cortar uma nova faixa da anágua. Ele a cortou, prendeu em volta do pescoço e arrastou a vítima até o rio. O uso dessa ‘faixa’, confeccionada com trabalho e demora, que atendeu de maneira precária à sua finalidade, que essa faixa tenha sido de fato usada, demonstra que tal necessidade nasceu de circunstâncias surgidas em um momento em que o lenço não era mais uma opção, isto é, vieram à tona, como imaginamos, depois que o criminoso já tinha deixado o matagal (se o crime realmente ocorreu ali), no caminho entre esse local e o rio.

“Entretanto, o depoimento, você dirá, de madame Deluc (!) aponta especialmente para a presença de uma gangue na vizinhança do matagal, mais ou menos na época do assassinato. Com isso eu concordo. Duvido que não houvesse pelo menos uma dúzia de gangues, como a descrita por madame Deluc, nas redondezas de Barrière du Roule no período em que a tragédia ocorreu. Entretanto, o grupo que mereceu a afiada censura da madame, apesar de seu depoimento um tanto quanto tardio e bastante suspeito, foi o único que essa honesta e escrupulosa senhora acusou de ter consumido seus bolos e bebido seu conhaque sem se dar ao trabalho de pagar. *Et hinc illae irae?*”<sup>22</sup>

“Qual é, no entanto, exatamente o depoimento de madame Deluc? ‘Uma gangue de meliantes apareceu, fazendo ruidosa algazarra; comeram e beberam sem pagar e depois seguiram no mesmo caminho do jovem casal, regressando para a pousada ao anoitecer e tornando a atravessar o rio com muita pressa.’

“Essa ‘pressa’ possivelmente pareceu ainda mais apressada aos olhos de madame Deluc, uma vez que ela permaneceu lamentando os bolos e a bebida que foram consumidos, os quais ela ainda tinha uma leve esperança de que fossem pagos. Por quê, uma vez que já estava prestes a anoitecer, ela insistiria na questão da pressa? Não é de se admirar que até mesmo uma gangue pudesse se apressar para voltar para

22 Em latim no original: “E de onde vem essa ira?”.

casa quando é preciso atravessar um rio largo em pequenas embarcações, há ameaça de tempestade e *a noite se aproxima*.

“Digo ‘aproxima’, pois a noite ainda não havia caído por completo. Foi apenas com a chegada da noite que a pressa indecorosa dos ‘meliantes’ ofendeu os olhos sóbrios de madame Deluc. Entretanto, sabemos que, nessa mesma noite, madame Deluc e seu filho mais velho ‘ouviram os gritos de uma mulher nas vizinhanças da pousada’. E que palavras madame Deluc emprega para descrever o período no qual ouviu esses gritos? ‘Foi logo após escurecer’, declarou ela. Mas ‘logo após escurecer’ é, no mínimo, escuro; e ‘ao entardecer’ certamente pressupõe claridade. Assim, não há dúvidas de que a gangue deixou Barrière du Roule antes dos gritos ouvidos (?) por madame Deluc. E embora em todos os inúmeros testemunhos as expressões em questão tenham sido empregadas de modo distinto e invariável, tal como acabo de fazer nesta conversa, nem os jornais nem os mirmidões da polícia notaram a bruta discrepância.

“Acrescentarei apenas mais um aos argumentos contrários à hipótese da gangue, mas esse argumento tem, pelo menos na minha opinião, um peso irresistível. Mesmo levando em consideração a grande recompensa oferecida e o pleno perdão a qualquer cúmplice que entregasse o parceiro, não devemos imaginar, nem por um instante, que um membro de uma gangue de rufiões, ou qualquer outro grupo, não tivesse há muito traído seus cúmplices. Qualquer membro de uma gangue desse tipo teme mais uma traição do que deseja uma recompensa ou impunidade. Ele trai com ansiedade e precipitação, com receio de ser ele próprio traído. Que o segredo não tenha sido divulgado é a melhor prova de que se trata, de fato, de um segredo. Os horrores desse funesto crime são conhecidos apenas por um ou dois seres humanos e por Deus.

“Resumiremos então os frutos escassos, porém indubitáveis, de nossa extensa análise. Chegamos à hipótese de um acidente fatal ocorrido sob o teto de madame Deluc ou de um assassinato cometido no matagal em Barrière du Roule, por um amante ou, no mínimo, um conhecido íntimo e secreto da falecida. Esse conhecido tinha tez morena. Essa cor de pele, o ‘nó’ na faixa e o ‘nó de marinheiro’ usado para atar a fita do chapéu apontam para um marujo. Sua relação com a falecida, uma jovem alegre, mas

não ignóbil, coloca-o acima do nível de um marinheiro comum. Nesse ponto, os comunicados bem escritos e urgentes para os jornais colaboram com tal hipótese. O relato da primeira fuga, tal como descrito no *Le Mercurie*, mesclou a ideia de um marinheiro com a de um ‘oficial da marinha’, que, sabemos, foi o primeiro a induzir a infeliz moça à perdição.

“E aqui, de maneira bem pertinente, temos de levar em consideração a contínua ausência desse homem de tez morena. Deixe-me fazer uma pausa para observar que ele tem a pele bem escura; se tanto Valence quanto madame Deluc lembraram apenas desse único detalhe ao seu respeito, presumo que não se trate de um tom de pele usual. Porém, qual o motivo da ausência desse sujeito? Acaso teria sido assassinado pela gangue? Se foi o caso, por que foram encontrados apenas vestígios da moça assassinada? Supõe-se que o local dos dois crimes seja, naturalmente, idêntico. E onde estaria o cadáver? O mais provável é que os assassinos tivessem descartado ambos da mesma maneira. Podemos supor que o homem está vivo, impedido de se apresentar por receio de ser acusado de homicídio. É possível que pondere isso agora, em uma época posterior ao crime, uma vez que alegaram tê-lo visto com Marie. Contudo, tal ponderação não teria peso no período do assassinato. O primeiro impulso de um homem inocente seria o de comunicar o crime e ajudar a identificar os assassinos. Seria a coisa certa a se fazer. Fora visto com a moça. Atravessara o rio com ela em uma balsa descoberta. A denúncia dos criminosos pareceria, até mesmo para um imbecil, a única e mais segura maneira de livrar-se de qualquer suspeita. Não podemos supor que, na noite do fatídico domingo, ele ignorasse o crime e fosse, ao mesmo tempo, inocente. No entanto, apenas considerando tais circunstâncias é possível imaginar que, estando vivo, não teria denunciado os assassinos.

“E quais são nossos meios para alcançar a verdade? À medida que prosseguimos, tais meios se multiplicam e se tornam mais distintos. Esmiçaremos o caso da primeira fuga. Vamos conhecer a história completa do ‘oficial’, quais são suas circunstâncias atuais e seu paradeiro no exato momento do assassinato. Compararemos cuidadosamente os diversos comunicados encaminhados ao jornal vespertino, cujo objetivo era incriminar uma gangue. Feito isso, confrontaremos essas mensagens, tanto em

relação ao estilo quanto à caligrafia, com aquelas enviadas para o jornal matutino, em um período anterior, e que insistiam de modo tão veemente na culpa de Mennais. Então, compararemos os diversos comunicados com a caligrafia do oficial. Procuraremos averiguar, a partir dos repetidos interrogatórios de madame Deluc e seus filhos, assim como o de Valence, o motorista de ônibus, alguma informação adicional em relação à aparência e ao comportamento do ‘homem de pele escura’. Perguntas habilmente direcionadas serão sem dúvida eficazes para que se possa extrair de alguns desses indivíduos informações sobre esse tópico específico (ou sobre outros); informações que eles mesmos podem nem sequer estar cientes de possuir. E vamos rastrear o barco rebocado pelo barqueiro na segunda-feira da manhã do dia 23 de junho, embarcação esta que foi tirada de seu posto sem o conhecimento do oficial de plantão e sem o leme, em algum momento anterior à descoberta do cadáver. Com devida cautela e perseverança, rastreamos infalivelmente esse barco, pois não apenas o homem que o rebocou poderá identificá-lo *como o leme está perto*. O leme de um veleiro não teria sido abandonado, sem perguntas, por alguém com o coração em paz. E, neste ponto, deixe-me fazer uma pausa a fim de propor uma questão. O reboque desse barco não foi noticiado. A embarcação foi conduzida silenciosamente para o posto e, do mesmo modo, de lá removida. Contudo, como seu proprietário, ou quem o utilizava, poderia ter sido informado logo na terça-feira de manhã, quando nenhuma informação foi divulgada a respeito, sobre o paradeiro do barco que fora rebocado na segunda-feira, a não ser que possamos imaginar alguma ligação com a marinha, uma conexão permanente e pessoal que facultasse o conhecimento de suas atividades e informações internas?

“Ao me referir ao assassino solitário que arrastou o corpo até a margem do rio, já contemplei a probabilidade de que ele possa ter utilizado um barco. Logo, aduzimos que Marie Rogêt foi jogada de um barco. Parece-me o mais natural. O cadáver não poderia ter sido confiado às águas rasas da margem. As marcas peculiares nas costas e nos ombros da vítima se coadunam com as treliças de um barco. Que o corpo tenha sido encontrado sem um peso adicional também colabora com essa hipótese. Se tivesse sido atirado da margem para a água, o assassino

certamente teria prendido algo ao cadáver para fazer peso. Só podemos justificar essa ausência se supormos que o assassino não tenha tomado tal precaução antes de atirar o corpo na água. Ao fazê-lo, decerto se deu conta do descuido, mas então já era tarde demais. Qualquer risco era preferível a ter de voltar à amaldiçoada margem. Tendo descartado o macabro fardo, o assassino teria se apressado de volta à cidade. Então, em algum cais obscuro, chegara em terra firme. O barco, contudo; acaso o teria aferrado? Estaria com muita pressa para perder tempo prendendo um barco. Ademais, ao aportá-lo no cais, teria sentido como se estivesse produzindo provas contra si mesmo. Seu instinto natural seria apartar-se de tudo o que apontasse para sua ligação com o crime. Não apenas teria fugido do cais, mas também não teria permitido que o barco ficasse lá. Sem dúvida, o teria largado à deriva. Vamos prosseguir, então, com nossas divagações. Na manhã seguinte, o infeliz é tomado por um horror inexprimível ao descobrir que o barco foi resgatado e conduzido para um local que ele costuma frequentar diariamente, talvez um lugar que seu próprio trabalho o obrigue a frequentar. Na noite seguinte, sem ousar perguntar pelo leme, ele o remove. Agora, onde está esse barco sem leme? Descobrir o paradeiro dele deve ser um de nossos primeiros objetivos. A aurora de nosso êxito será inaugurada por essa primeira descoberta. Esse barco há de nos guiar, com rapidez surpreendente, àquele que o utilizou à meia-noite do fatídico domingo. As confirmações vão se acumular e rastreamos, assim, a pista do assassino.

[Por motivos que não especificaremos, mas que parecerão óbvios para muitos leitores, tomamos a liberdade de omitir aqui, do manuscrito entregue em nossas mãos, o trecho que detalha os desdobramentos da pista, aparentemente vaga, obtida por Dupin. Julgamos apenas aconselhável afirmar, em suma, que o resultado desejado foi obtido e que o comissário cumpriu de maneira pontual, ainda que com relutância, os termos de seu acordo com Dupin. O conto do senhor Poe termina nos parágrafos que se seguem.]<sup>23</sup>

23 Parágrafo inserido pelo editor da revista em que o conto foi originalmente publicado.

É notório que falo de coincidências e nada mais. O que disse antes sobre esse assunto há de ser suficiente. Em meu íntimo, não nutro fé alguma no sobrenatural. Que a Natureza e o seu Deus são dois, nenhum ser racional poderá negar. Que o segundo, sendo o criador da primeira, possa controlá-la e modificá-la ao seu bel-prazer também é ponto pacífico. Digo “ao seu bel-prazer” por ser uma questão de vontade, e não — como a insanidade da lógica supõe — de poder. Não que a Divindade não possa modificar suas leis, apenas creio que a insultamos quando imaginamos uma possível necessidade de modificação. Em sua origem, tais leis foram forjadas para conter todas as eventualidades que o Futuro pode conter. Com Deus, tudo é Agora.

Repito, então, que me refiro a tais coisas apenas como coincidências. E mais: em meu relato, parecerá que houve um paralelo entre o destino da pobre Mary Cecilia Rogers, até onde é conhecido, e o de uma certa Marie Rogêt, até uma determinada época de sua história, cuja admirável exatidão a razão se constringe ao contemplar. Afirmo que tudo isso será aduzido. Mas não devemos permitir que se suponha, sequer por um instante, que, ao desenrolar a triste narrativa de Marie na época mencionada e trabalhando na solução do mistério que a envolvia, seja minha intenção velada insinuar que exista uma extensão desse paralelo — ou mesmo sugerir que as providências adotadas em Paris para a descoberta do assassino da *grisette*, ou medidas fundamentadas em um exercício de raciocínio semelhante, haveriam de produzir um resultado similar.

Pois, no que concerne à última parte da suposição, deve-se considerar que a variação mais trivial nos fatos dos dois casos poderia dar ensejo a graves erros de cálculo, ao desviar completamente os dois cursos dos acontecimentos; o mesmo se dá na aritmética quando um erro que, em sua própria individualidade, é ignorado, mas produz, no fim, por força da multiplicação em todos os pontos do processo, um resultado que em muito diverge da verdade. E, no que concerne à primeira parte da suposição, não podemos deixar de ter em mente que o próprio Cálculo das Probabilidades ao qual me referi, inibe todas as ideias de extensão de um paralelo — inibe com uma forte e decidida convicção na justa proporção com que tal paralelo já foi estabelecido e exigido. Essa é uma

das proposições anômalas que, apelando aparentemente a um raciocínio fora do escopo da matemática, é, todavia, uma proposição que somente um matemático poderia cogitar. Por exemplo, nada é mais difícil do que convencer o leitor comum de que o fato de um jogador ter tirado dois ‘seis’ seguidos em jogo de dados é motivo suficiente para apostar com segurança que o seis não se repetirá na próxima jogada. Uma sugestão como essa é normalmente rejeitada de pronto pelo intelecto. Não parece que as duas jogadas já feitas, que jazem agora no Passado, possam ter alguma influência em uma jogada que só existe no Futuro. A chance de se tirar um seis parece tão provável quanto antes — isto é, sujeita apenas à influência das diversas outras jogadas que podem ser feitas com o dado. Essa é uma reflexão que parece tão excessivamente óbvia que tentativas de contrariá-la são amiúde recebidas mais com um sorriso de deboche do que com uma atenção respeitosa. Não pretendo expor o equívoco nisso envolvido — um equívoco grosseiro, que sugere malícia — nos limites a mim concedidos no momento; e, para os mais filosóficos, não há sequer necessidade de exposição. Basta dizer que faz parte de uma série infinita de erros que surgem no caminho da Razão em virtude da sua propensão de buscar a verdade *em detalhes*.

Quando da publicação original de “Marie Rogêt”, as notas de rodapé aqui apresentadas foram consideradas desnecessárias; no entanto, o lapso de muitos anos desde a tragédia na qual o conto é baseado torna conveniente sua apresentação, bem como o acréscimo desta introdução, para explicá-lo em linhas gerais. Uma jovem, Mary Cecilia Rogers, foi assassinada nas redondezas de Nova York; embora sua morte tenha ocasionado uma comoção intensa e duradoura, o mistério dela proveniente continuava sem solução no período em que o presente relato foi escrito e publicado (novembro de 1842). Sob pretexto de relatar o destino de uma *grisette* parisiense, o autor seguiu, em minuciosos detalhes, o substancial, reproduzindo os fatos não essenciais do assassinato real de Mary Rogers. Assim, todos os argumentos encontrados na ficção são aplicáveis à realidade: o objetivo era a investigação do caso real. “O mistério de Marie Rogêt” foi composto longe da cena do crime e não contou com nenhum outro meio de investigação além do material oferecido pelos jornais. Assim, muito escapou ao autor que não pôde estar presente no local. Cabe registrar, não obstante, que as confissões de duas pessoas (uma delas, a madame Deluc desta narrativa), feitas em períodos diferentes e muito depois da publicação do conto, confirmaram em sua totalidade não apenas a conclusão geral, mas todos os principais detalhes hipotéticos por meio dos quais tal desfecho foi obtido. [NA]